



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**



2016

UM OLHAR SOBRE CENTRALIDADE E URBANIDADE

Bairro da Cidade Operária, São Luís, MA

**PATRÍCIA RACHEL SILVA
ORIENTADORA: JUSSARA MARTINS NOGUEIRA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PATRÍCIA RACHEL PINTO SILVA

UM OLHAR SOBRE CENTRALIDADE E URBANIDADE
Bairro da Cidade Operária, São Luís, MA

São Luís
2016

PATRÍCIA RACHEL PINTO SILVA

UM OLHAR SOBRE CENTRALIDADE E URBANIDADE

Bairro da Cidade Operária, São Luís, MA

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Jussara Martins Nogueira

São Luís

2016

PATRÍCIA RACHEL PINTO SILVA

UM OLHAR SOBRE CENTRALIDADE E URBANIDADE

Bairro da Cidade Operária, São Luís, MA

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Jussara Martins Nogueira
(Orientadora)

(Profº Dr. Carlos Frederico Burnett)
(Examinador)

Clara Raissa Pereira de Souza
(Arquiteta e Urbanista)

A Deus, autor da minha existência, sempre Pai e amigo, presente e leal, a Ti, minha humilde reverência e devoção. À minha mãe e ao meu pai, tão amáveis, dignos e firmes, a essas pessoas Deus deu minha tutela. Meus amados irmãos Cássio, Rafael e Tales. À minha família e amigos. E a todos os mestres que ajudaram na minha construção.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem reconheço minha total dependência.

Aos meus pais, Ivanildo e Marivalva pela entrega e pelo amor em cada ação. E aos meus três amados irmãos que sonham comigo a cada dia, enfrentando as contrariedades e sempre mantendo a integridade.

Aos meus amigos do Cefet-Ma, aos amigos do curso de Desenho Industrial da Ufma e aos amigos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Uema por tudo que compartilhamos.

Agradeço a todos os meus mestres pelos ensinamentos, conselhos e repreensões que me fizeram saber seguir na minha trajetória pacientemente, de vitória em vitória.

À professora Jussara Martins Nogueira, em quem vi apoio e suporte, e que me incentiva sempre diante dos obstáculos, e por quem tenho um imenso carinho para a vida toda.

À professora Grete Soares Pflueger, ao professor Frederico Burnett, à professora Bárbara Prado, a professora Margareth Figueiredo e ao professor Gustavo Marques pela firmeza no ensino e pelo desprendimento de me ensinarem parte de suas vivências tão ricas.

Aos funcionários do Incid.

Aos funcionários da Emarph.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Benedito Leite.

A todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho final de graduação.

“Arquitetura ou revolução. Podemos evitar a revolução”

Le Corbusier

RESUMO

O presente trabalho discorrerá sobre aspetos de centralidade e de urbanidade no Conjunto Habitacional da Cidade Operária através de uma base teórica no campo da produção do espaço urbano, buscando compreender esse processo e a relação dialética existente entre espaço e sociedade. Discorrerá sobre a urbanização de centros urbanos para compreender um pouco da lógica e da dinâmica socioeconômica e territorial nas cidades. Será feito um olhar sobre os aspectos da centralidade do bairro, as formas como a sociedade se reorganiza e se rearranja em uma localidade periférica e à margem de políticas públicas. Mostrará um pouco da história do bairro em contraponto com a sua evolução e suas condições atuais. O estudo da centralidade tem como foco da análise as vias com maior fluxo de veículos e pessoas, e consequente maior quantidade de serviços e comércios, o aparato dos usos institucionais, e a sua distribuição no território para suprir as demandas da população do bairro e do entorno mais imediato. Já o estudo sobre urbanidade busca analisar o cotidiano do bairro e as formas de apropriação do ambiente urbano pela população. Deste modo, pretende-se contribuir a partir deste estudo para o entendimento das dinâmicas existentes em localidades periféricas no município de São Luís.

Palavras chave: conjuntos habitacionais, espaço urbano, centralidade, urbanidade

ABSTRACT

This paper will discuss the centrality and urbanity aspects in the Workers' Housing City set through a theoretical basis in the field of production of urban space, trying to understand these proceedings and the dialectical relationship between space and society. Will talk about the urbanization of urban centers to understand the socio-economic and territorial dynamic logic in the cities. There will be a look at the aspects of centrality of the neighborhood, the ways the company reorganizes and rearranges in a peripheral location on the margins of public policies will show some of the history of the neighborhood as opposed to its evolution and its present condition. The study of the central focuses of the analysis routes with greater flow of vehicles and people, and consequent greater quantity of services and trade, the apparatus of institutional uses. and their distribution in the territory to meet the demands of the neighborhood population and the more immediate surroundings. But the study of urbanity urbanity seeks to analyze the conditions in the neighborhood and the forms of appropriation of the urban environment by the population. Thus, it is intended to contribute from this study to understand the existing dynamics in peripheral location in St. Louis city.

Keywords: housing, urban space, centrality, urbanity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma rua de um bairro em Londres (Dudley Street);	21
Figura 2 - Detroit: uma cidade decadente e abandonada.	22
Figura 3 - Prédios públicos abandonados em Detroit – EUA.....	22
Figura 4 - Refinaria Premium I de Bacabeira no Maranhão	23
Figura 5 - Evolução histórica de São Luís	25
Figura 6 – Exemplo de políticas habitacionais do BNH. Bairro da Cohab (década de 1970). A área destacada em vermelho corresponde à área do Mercado Municipal da Cohab.....	26
Figura 7 – Foto atual do Bairro da Cohab - A área destacada em vermelho corresponde à área do Mercado Municipal da Cohab. – imagem de 08 de Fev de 2016	26
Figura 8 - Evolução da População do Maranhão e de São Luís, Urbana e Rural.....	27
Figura 9 - Manchete de Jornal em 1987.....	27
Figura 10 – Manchete sobre a listagem da COHAB.	27
Figura 11 - Localização da Cidade Operária e entorno imediato, área central da Ilha do Maranhão.....	29
Figura 12 - Localização do Bairro	29
Figura 13 - Manchete de Jornal em 1987.....	30
Figura 14 - Manchete sobre a invasão das casas.....	31
Figura 15 - Manchete sobre listas dos contemplados.	31
Figura 16 - Uma das listas de contemplados: a terceira lista publicada no dia 29 de janeiro de 1987.....	31
Figura 17 - Povo x Cohab	32
Figura 18 -Tumulto no bairro e a polícia fazendo a retirada dos invasores.	32
Figura 19 - Pessoas sendo despejadas do local.....	32
Figura 20 – Invasores.....	32
Figura 21 - Novos invasores chegando	32
Figura 22 - A policia não consegue conter invasões.	32
Figura 23 - Relatos dos moradores para a reportagem.....	33
Figura 24 - Oportunistas incitam as ocupações	34
Figura 25 - Invasores despejados que possivelmente vieram a ocupar as frajas do bairro formando as ocupações que hoje formam essa região.	34
Figura 26 - O desenvolvimento urbano de São Luís. 1 – Centro Histórico; 2 – Itaqui-Bacanga; 3 – Ponta d’areia; 4 – Local onde será implantada a Cidade Operária nos anos 70.	35
Figura 27 - Áreas da 1ª etapa do Conjunto da Cidade Operária e da 2ª Etapa que hoje corresponde aos bairros adjacentes.	36
Figura 28 - Quadro Síntese da Produção da COHAB- MA	36
Figura 29 – Equipamentos Urbanos nos Conjuntos da Cohab – MA em São Luís..	37
Figura 30 - Moradores reclamam do tamanho das casas.....	70

Figura 31 - Imagem do Conjunto da Cidade Operária na época da entrega das unidades habitacionais.....	70
Figura 32 - Casas entregues: população insatisfeita com o tamanho das unidades habitacionais.....	70
Figura 33 – Na rua 03 da unidade 103, casas no modelo da época da inauguração do conjunto, sem reformar e sem muro mostrando ainda os afastamentos frontais e laterais.	71
Figura 34 - Na rua 03 da unidade 103, casas no modelo da época da inauguração do conjunto, sem reformar e sem muro	71
Figura 35 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.....	71
Figura 36 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.....	71
Figura 37 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.....	71
Figura 38 - Na rua 01 da unidade 203, casa original e sem muro, aspecto abandonado.....	71
Figura 39 - Na rua 01 da unidade 203, duas habitações no modelo antigo, murada. A da esquerda, com material de construção na calçada para uma possível obra.	71
Figura 40 - Casa na Rua 05 da unidade 203: Casa original e sem muro frontal.....	71
Figura 41 - Vista frontal de casas geminadas na Unidade 205.....	72
Figura 42 – Vista lateral de casas geminadas na Unidade 205.....	72
Figura 43- Na rua 03 da Unidade 203, casa de dois pavimentos, telhados com várias águas, muro verde, paisagismo. Do lado esquerdo uma das áreas verdes da malha urbana do conjunto.....	72
Figura 44 - Na rua 07 da unidade 203 do lado esquerdo, uma casa geminada original, mostrando os afastamentos frontais e laterais e ainda sem muros. Do lado direito, uma casa de alvenaria num lote de canto com formas e cores mais elaboradas.....	72
Figura 45 - Rua 01, na unidade 203	72
Figura 46 - Na rua 01 da unidade 203.....	72
Figura 47 - Rua 04 da unidade 205	73
Figura 48 – Rua 04 da unidade 205.....	73
Figura 49 – Várias casas de dois pavimentos, onde a área construída ocupa todos os recuos frontais e laterais.	73
Figura 50 - Na rua 10 da unidade 203, exemplo dos acabamentos nas fachadas	73
Figura 51 - O bairro da Cidade Operária destacado no Mapa de Zoneamento de São Luís	39
Figura 52 - Mancha da Densidade demográfica da região circulada em vermelho ..	41
Figura 53 - O Conjunto da Cidade Operária e o seu entorno	41
Figura 54 - Centro histórico e novos “nós” na malha urbanos de São Luís –MA.....	42
Figura 55 – Quadro Geral com as manchas dos usos predominantes	44
Figura 56 - Divisão dos Quadrantes para estudo dos usos.....	44
Figura 57 - USOS: 1º QUADRANTE.....	45

Figura 58 – Avenida 203	45
Figura 59 – Avenida 203	45
Figura 60 – Mercado da Cidade Operária e o comércio informal	45
Figura 61 – Comércio informal nas ruas proximas ao Mercado da Cidade Operária	45
Figura 62 - USOS: 2° Quadrante	46
Figura 63 - USOS:3° Quadrante	46
Figura 64 - USOS: 4° Quadrante	47
Figura 65 - Percurso dos ônibus de passam pelo Bairro da Cidade Operária em direção ao terminal da Integração do Jardim São Cristóvão	48
Figura 66 - Terminal de Integração do Jardim São Cristóvão	48
Figura 67 – As 13 Linhas de ônibus que passam pela Avenida Principal da Cidade Operária.....	48
Figura 68 - Ônibus amarelo é um dos símbolos da identidade do Conjunto.....	49
Figura 69 – Super lotação do transporte público na região.....	49
Figura 70- Delegacia da Cidade Operária	49
Figura 71 - Centro de Especialidades Médicas da Cidade Operária	49
Figura 72 - Vista externa do Centro de Especialidades Médicas da Cidade Operária	49
Figura 73 – Centro de Ensino São José Operário	50
Figura 74 - Escola Launé Rodrigues	50
Figura 75 - CAIC na unidade 201	50
Figura 76 - Centro de Ens. José Justino Pereira na Unidade 101	50
Figura 77 – C.E. Mata Roma	50
Figura 78 – C.E Paulo VI no Campus da UEMA.....	50
Figura 79 – C.E Menino Jesus de Praga, na Unidade 203	50
Figura 80 – Unid. Integrada Maria José Aragão, na Rua 205, próximo ao Jardim América.....	50
Figura 81 - Unidade Integrada Santa Tereza, na Rua 205.....	51
Figura 82 – U E. B. Tancredo Neves, na Av. Esteban 203.	51
Figura 83 – U.E.B. Pr. Estevam Angelo de Souza, na Av. Esteban 203	51
Figura 84 – Elementos morfológicos do espaço urbano	53
Figura 85 – Delimitação do Bairro.....	54
Figura 86 - Setores dos bairros: as unidades	54
Figura 87 - Prédios comerciais do bairro.....	55
Figura 88 - O Lote possuem 10 x 20m.....	55
Figura 89 - Perspectiva de casas geminadas na Unidade 205, em um lote de esquina.	56
Figura 90 – Os quarteirões	57
Figura 91 – Setor do Conjunto da Cidade Operária, onde o padrão das quadras é diferente, onde o comprimento das ruas é menor, e o fim das ruas é em uma área verde.	58
Figura 92 - Traçado do Bairro Fonte: Autora (2016) a partir do Mapa Aerofogramétrico.....	59

Figura 93 – árvores nas praças	60
Figura 94 – Áreas verdes	60
Figura 95 - Campos de futebol.....	60
Figura 96 - Campos de futebol.....	60
Figura 97 – Praça da Unidade 205	60
Figura 98 – Praça da Unidade 205	60
Figura 99 – Traçado das ruas em “u”	61
Figura 100 – Áreas Institucionais com equipamentos urbanos ou não edificadas ainda.	62
Figura 101 - Parada de ônibus	63
Figura 102 – Banco da Praça da unidade 205	63
Figura 103 – Canteiro tomados de tendas dificultando a mobilidade do pedestre ..	63
Figura 104 – Os elementos chamados “parasitários”: placas, anúncios	63
Figura 105 – Caixa D’água da Cidade Operária	64
Figura 106 - Caixa D’água da Cidade Operária	64
Figura 107 - Caixa D’água da Cidade Operária	64
Figura 108 - Time square em Nova York, a confluência de ruas em um grande largo	65
Figura 109 - Central Park, Nova York , a população se apropriando dos espaços públicos.	65
Figura 110 – O cotidiano de uma das ruas mais populares de La Paz, na Bolívia, a Calle Sagarnaga.	65
Figura 111 – Catedral da Praça de Murillo em La Paz na Bolívia.	65
Figura 112 - Praça da Liberdade em São Paulo, Brasil	65
Figura 113 - Comemoração do ano novo chinês na Praça da Liberdade, em São Paulo.	65
Figura 114 – A Feria da Sulanca funciona há mais de 20 anos na região central de Caruaru - PE.....	65
Figura 115 - São João nas ruas de Caruaru, em Pernambuco.	65
Figura 116 – Subúrbios de Paris	66
Figura 117- “Homeless” em Nova York.....	66
Figura 118 - Favela da Rocinha no Rio de Janeiro	66
Figura 119- Renda Média Mensal.....	67
Figura 120 -Variação dos roubos, por turno, nos bairros Cidade Operária, Centro e São Francisco	68
Figura 121	Erro! Indicador não definido.

Tabela 1 - Quadro Síntese da Produção da COHAB- MA.....	36
Tabela 2 – Equipamentos Urbanos nos Conjuntos da Cohab – MA em São Luís.....	37
Tabela 3 -Linhas de ônibus que passam pela Avenida 203 (Avenida Principal) da Cidade Operária.	49
Tabela 4- Localização e situação das áreas verdes.....	62

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.

BNH – Banco Nacional de Habitação

CIOPS – Centro Integrado de Operações de Segurança do Maranhão

COHAB – Companhia de Habitação

EMARPH – Empresa Maranhense de Administração de Recursos Humanos e Negócios Públicos S.A.

INCID – Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural

NDPEG - Núcleo de Documentação, Pesquisa e Extensão Geográfica

PD – Plano Diretor

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SEMURH - Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação de São Luís

ZR – Zona Residencial

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 - Croqui da Poligonal do Bairro	80
ANEXO 02 - Macrozoneamento Urbano de São Luís	81

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	17
2 – URBANIZAÇÃO: A SOCIEDADE E O ESPAÇO	20
2.2 Urbanização em São Luís	23
3 O CONJUNTO HABITACIONAL DA CIDADE OPERÁRIA	28
3.1 Processo Histórico de ocupação do Conjunto da Cidade Operária	30
3.1 Etapas de implantação	34
3.2 Moradias: folhas de papel em branco.....	69
4 OLHARES SOBRE O COTIDIANO: CENTRALIDADE E URBANIDADE	38
4.1 Centralidade	38
4.2 Os elementos morfológicos do espaço urbano e a urbanidade no bairro	52
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tratará da forma como a sociedade representa no espaço as suas relações sociais, econômicas, culturais e será exemplificada através de um olhar sobre os aspectos de centralidade e urbanidade em um bairro periférico, no caso, o bairro da Cidade Operária, um conjunto habitacional de São Luís do Maranhão criado na década de 1970. A relação entre algumas questões urbanísticas que serão abordadas na área de estudo que neste ano de 2016, completa 30 anos, desde a entrega das primeiras chaves das suas 7500 unidades habitacionais em 1986.

As políticas habitacionais implementadas na Ilha do Maranhão a partir da década de 60 vislumbraram novos caminhos para além do Centro Histórico, e que, até então, crescia lentamente em direção ao bairro do Anil. Foi de fato, uma considerável expansão territorial para a cidade, pois esses novos conjuntos foram criados com média de 10-20 km de distância do centro da cidade imprimiram uma nova distribuição espacial e socioeconômica no território nos eixos norte, sul e leste da ilha.

O crescimento exponencial e desordenado das cidades aonde perdas constantes e irreparáveis, tanto paisagísticas e ambientais, quanto socioculturais vem sendo ocasionadas progressivamente. Neste contexto, a cidade acaba por sintetizar diversos valores sociais, econômicos, políticos e culturais de uma sociedade onde a forma de produção do espaço urbano reflete no modo de vida das pessoas.

A inclinação para esta temática de pesquisa surgiu da observação sobre as diferentes formas de urbanidade presente nos conjuntos da cidade de São Luís. E também, como moradora do bairro (1988 – 2005), sentiu-se necessidade de fazer esse registro e resgate histórico do bairro, sob a perspectiva da arquitetura e do urbanismo. Percebendo-se a dinâmica econômica e social na microescala dos conjuntos habitacionais construídos nas primeiras políticas habitacionais na ilha e a forma de produção espacial dessas localidades, optou-se por analisar as formas de interação intra bairro e a relação com o seu entorno.

Diante das reflexões supracitadas, percebeu-se a possibilidade de investigação dessa relação “sociedade & espaço”, sobre os aspectos de ocupação do local, dos aspectos da urbanidade do bairro desencadeadas por possíveis processos espaciais, socioeconômicos diante do surgimento de uma centralidade como o Conjunto Habitacional da Cidade Operária.

O Objetivo geral deste trabalho é analisar o Conjunto Habitacional da Cidade Operária e mostrar, através de sua atual configuração territorial, a forma de produção espacial dessa localidade, analisando as formas de interação intra-bairro e a relação com o seu

entorno, relação de centralidade e urbanidade. E os objetivos específicos seriam: abordar através dos teóricos do espaço urbano a relação sociedade-espaço; compreender o processo histórico de ocupação do Bairro da Cidade Operária, compreender o bairro e seus aspectos de centralidade e seus elementos de urbanidade, a escala urbana do bairro, seus traçado, a sociabilidade da comunidade, a forma como as comunidades do entorno permeiam este território e registrar as novas impressões feitas pelos agentes transformadores do espaço urbano;

Sobre o método desta pesquisa, a base de investigação que se atribui a este trabalho é a lógica da corrente filosófica do materialismo histórico, numa ótica dialética e utilizando diversos autores que tratam a questão do espaço urbano por esse viés, como Harvey (1973), Lefebvre (1970), Castells (1972), Smith (1988), Santos (1978). Marconi e Lakatos (2007, p. 110) afirmam que o método dialético penetra no mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade. Ainda segundo Diniz (2008), o método dialético reconhece a dificuldade de se apreender o real, em sua determinação objetiva, por isso a realidade se constrói diante do pesquisador por meio das noções de totalidade, mudança e contradição. A noção de totalidade refere-se ao entendimento de que a realidade está totalmente interdependente, inter-relacionada entre os fatos e fenômenos que a constitui. Já a noção de mudança compreende que a natureza e a sociedade estão em constante mudança e que elas tanto são quantitativas quanto qualitativas. Enquanto isso a noção de contradição torna-se o motor da mudança. As contradições são constantes e intrínsecas à realidade.

O território investigado, o bairro da Cidade Operária, teve diversas ações na produção do seu espaço, configurado e reconfigurado por vários agentes e por “forças” diversas. E para a compreensão da forma como este espaço se reproduziu (e ainda se reproduz) será utilizada como fundamentação no **Capítulo 1** uma abordagem teórica do materialismo histórico dialético, muito citado por diversos estudiosos do espaço urbano como, por exemplo, por David Harvey (2005), Neil Smith (1984), Carlos Brandão (2007), Milton Santos (2006), entre outros, e que contribuíram grandemente para o entendimento das complexas relações entre a lógica e a dinâmica do modo de produção capitalista e a organização espacial de um território. Dentro desta abordagem teórica está também a divisão social do trabalho, que é definida por Brandão (2007) como a categoria básica de investigação da dimensão espacial do desenvolvimento, posto que permeia todos os processos, e em todas as escalas.

O **Capítulo 2** fará um resgate histórico do conjunto e para realização desta pesquisa será feito o levantamento de fontes bibliográficas associadas a artigos, monografias e livros, disponibilizados na Biblioteca Central e Núcleo de Documentação, Pesquisa e Extensão Geográfica (NDPEG) localizados na Universidade Federal do Maranhão (UFMA); pesquisas em órgão como a Empresa Maranhense de Administração de Recursos Humanos e Negócios Públicos S.A (EMARPH) e Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação de São Luís (SEMURH) e bibliotecas da Universidade Estadual do Maranhão;

No **Capítulo 3** será mostrado através da observação do campo empírico o cotidiano do bairro e seus fluxos. No **item 3.1**, sobre Centralidade as conceituações serão feitas por Marcelo Lopes de Souza (2005), Milton Santos (2006). No **item 3.2** as conceituações de urbanidade serão feitas com base nos autores Jane Jacobs (2000), Jan Gehl (2013), e Villaça (2001), José Lamas (1993), François Ascher (2010) e Henri Lefebvre (2001).

O trabalho se dividirá em quatro etapas: a primeira etapa, de pesquisa bibliográfica, para as bases da investigação, teórico e aprofundamento da temática; a segunda etapa, com a pesquisa exploratória pelo bairro nos principais eixos viários, localização das áreas verdes, equipamentos comunitários e nas praças. Elaboração de cartografia suporte para o trabalho. E o registro fotográfico do bairro dessas áreas; e a terceira etapa, com a compilação das informações, elaboração do relatório final e considerações finais com base nas visitas exploratórias e nas pesquisas bibliográficas e de campo, para compreender a apropriação o bairro pelos moradores, os fluxos e interações com o entorno.

1 – URBANIZAÇÃO: A SOCIEDADE E O ESPAÇO

Sabemos tudo sobre o habitat ideal de qualquer mamífero da face da terra, menos do homo sapiens. Qual o lugar ideal para essa espécie viver? (GEHL, 2013)

Neste capítulo pretende-se também contextualizar o processo de urbanização numa escala global, nacional e local de forma introdutiva. Os conceitos de centralidade e urbanidade também serão tratados de forma a compreender as conexões existentes nesse território e que desencadeiam a dinâmica territorial no bairro em estudo. Pretende-se também abordar os conceitos de território, espaço geográfico para que sejam compreensíveis os diversos tipos de relações que se convergem no território (sejam elas econômicas, materiais, culturais, etc.).

A compreensão do que é o espaço urbano e da forma como este se apresenta é necessária para o entendimento do que é o território. Segundo Brandão (2007) o território é o local onde existe a reprodução social, denominador comum, desembocadura, encarnação de processos diversos e manifestação de conflitualidades. Esses conflitos que convergem para o território seriam causados pela lógica como o capital se reproduz. Ou seja, a organização do espaço, vista pela ótica da acumulação do capital explicada na teoria de Marx, seria a manifestação do “reflexo” das relações de produção e das lutas das classes sociais. “Os objetivos da obra marxista eram [...] revelar os processos pelos quais o ambiente urbano assumirá sua forma presente e explicar as características da distribuição espacial desigual e as crises sociais associadas a ela”. Gottdiener (1985 *apud* BRANDÃO, 2007, p. 64).

Territórios são construções (sociais, discursivas e materiais), portanto sua análise deve se basear na interação entre decisões e estruturas, nas articulações entre micro processos, micro iniciativas versus macro decisões nas várias escalas em que se estruturam e se enfrentam os interesses em disputa (BRANDÃO, 2008, p.12).

Os centros urbanos passaram a desempenhar papéis crescentemente diferenciados, com base nas “funções centrais” e na magnitude de suas relações econômicas e políticas, bem como na condição, maior ou menor, como centro de decisão e de comando do próprio processo em curso, como resultado da ação de capitalistas, industriais e instituições políticas. Essas ações implicaram o estabelecimento de interações espaciais assimétricas também entre as cidades, e não apenas entre estas e o campo, de modo a constituir uma divisão territorial do trabalho em escala inter urbana (BESSA, 2012, p. 148-149).

No entendimento de Santos (2006) há uma criação paralela e eficaz da ordem e da desordem no território, já que as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. Compreendendo território e centralidade parte-se para o entendimento de territorialização. Souza (1995) diz que quando o homem se apropria do espaço, concretamente ou abstratamente, o ator “territorializa” o espaço. Quando Milton

Santos fala que o homem se apropria do espaço, faz-se uma conexão entre Villaça (2001, p. 47)¹ e Soja (1980,p.207)² que falam sobre a dialética entre o espaço e a sociedade, ou seja, a relação entre, de um lado, a produção, a circulação e o consumo do espaço e de outro os efeitos do espaço sobre o social.

A expansão urbana no Brasil é reflexo da industrialização vivida no país nos princípios do séc. XX. Segundo Wilson Suzigan³, do Instituto de Economia da Universidade de Campinas em São Paulo, a industrialização no país era insignificante até o fim dos anos 20, e bastante limitado dos anos 30 até princípios dos anos 50. E que a partir da década de 50 a industrialização consegue se impulsionar devido ao direcionamento e fomento do Estado, onde este passou a ter um papel mais ativo na estruturação do setor industrial (SUZIGAN, 1988, p.5-6). Em São Luís, assim como ocorreu em outros centros urbanos, o adensamento populacional foi decorrente da migração do homem do campo para cidade em busca de “oportunidades” geradas pelo processo de industrialização, fugindo da escassez no campo.



Figura 1 - Uma rua de um bairro em Londres (Dudley Street);
gravura de Gustave Doré de 1872
Fonte: BENEVOLO, 1999⁴

A Revolução industrial trouxe consigo não somente ânsia do capital pelo desenvolvimento das técnicas de produção para gerar mais capital e retroalimentar o processo. Mas também, o questionamento sobre como a cidade poderia absorver o contingente de pessoas que para lá se deslocavam, e também trouxe a necessidade de pensar nos centros urbanos e suas configurações territoriais.

¹ VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001.

² SOJA, Edward W. “The sócio-spatial dialectic”. In: Annals of Association of American Geographers, v. 70, n.2, June 1980.

³ SUZIGAN, Wilson. Estado e Industrialização no Brasil. Revista de Economia Política, vol.8, n.º4, outubro-dezembro/1988. Acesso em: 12 de Abr. 2016. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/32-1.pdf>>

⁴ BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. 4.ed. São Paulo : Editora Perspectiva, 2005.

A cidade, por centralizar a produção e o capital, acaba por centralizar também os investimentos estatais gerando um alto grau de exclusão para o homem rural, acaba impelindo-o para a cidade. Sobre essa distinção entre cidade e campo, e o desenvolvimento desigual Smith (1984, p.154) diz que concentração e a centralização do capital no ambiente construído dá-se de acordo com a lógica social inerente ao processo de acumulação de capital, e isto, como vimos anteriormente, leva a um nivelamento das diferenças naturais, pelo menos até onde elas determinam a localização da atividade econômica. E quando se fala atividade econômica, fala-se de indivíduos, de massas que se deslocam na tentativa de vender sua força de trabalho, para sobreviver.

Cidades que tinham nos anos 40 padrões razoáveis de abastecimento de água, coleta de esgoto, pavimentação de vias públicas, iluminação pública e outros serviços começaram a assistir ao surgimento de uma periferia carente e desordenada, onde se misturavam os conjuntos habitacionais, as favelas e os loteamentos clandestinos. (SERRA, 1991, p. 41)

Para tornar compreensível a lógica como o capital se relaciona com a sociedade e o espaço transformando a natureza e/ou o ambiente construído se tomará como exemplo a cidade de Detroit, no estado americano do Michigan, considerada a capital do automóvel e teve seus tempos áureos na década de 1950, começou seu declínio com a entrada das produtoras de automóveis japonesas e coreanas na década de 70. E à respeito do declínio vivido por essa cidade, Fernanda Barra diz:

Como a economia local girava em torno das fábricas de automóveis, a falências das mesmas evadiu a população. A arrecadação de impostos diminuiu, e a prefeitura não conseguiu administrar um espaço geográfico tão grande com pouca receita e em 2013 a cidade pediu concordata. (BARRA, 2014)⁵



Figura 2 - Detroit: uma cidade decadente e abandonada.

Disponível em: <https://blogdopetcivil.com/2014/01/17/detroit-a-cidade-decadente-a-abandonada/>
Acesso em: 20 de Mai. 2016.



Figura 3 - Prédios públicos abandonados em Detroit – EUA.

Disponível em: <https://blogdopetcivil.com/2014/01/17/detroit-a-cidade-decadente-a-abandonada/> Acesso em: 20 de Mai. 2016.

⁵ BARRA, Fernanda. Detroit: uma cidade decadente e abandonada. Postado em 17/01/2014. Acesso em: 23 de Mai. De 2016. Disponível em: < <https://blogdopetcivil.com/2014/01/17/detroit-a-cidade-decadente-a-abandonada/> >

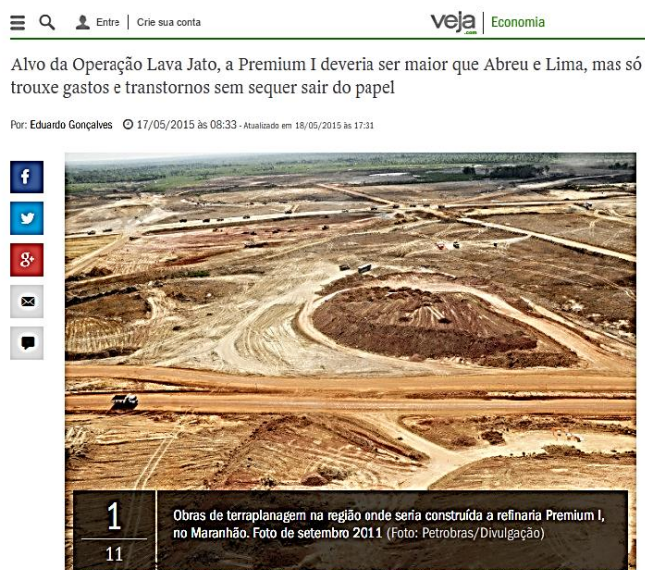


Figura 4 - Refinaria Premium I de Bacabeira no Maranhão

Fonte: < <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/no-maranhao-petrobras-deixa-esqueleto-de-uma-quase-pasadena> > Acesso em: 02 de Jun de 2016.

Na Figura 04, um exemplo regional do poder do capital de modificar o espaço e as relações econômicas e sociais em um território. A cidade de Bacabeira teve sua dinâmica modificada com a instalação da refinaria em 2010

“No meio da plateia, a agricultora Maria José de Sousa, de 53 anos, assistia atenta à cerimônia. Era a primeira vez que via aquelas ilustres figuras no município de 16.000 habitantes, a 40 quilômetros de São Luís. De todos os discursos que ouviu, o que mais lhe chamou atenção foi o da governadora Roseana, que prometeu pagar uma bolsa de 500 reais e dar uma casa nova às famílias que moravam no terreno onde seria instalada a refinaria”. (Gonçalves, 2015)

1.2 Urbanização em São Luís

Em São Luís, o processo de urbanização segundo o Plano de Expansão de São Luís (1958)⁶ se deu em três etapas que seriam: a formação do núcleo urbano no século XVII, a constituição do bairro central século XVIII e início do Século XIX e a formação dos arrabaldes e bairros excêntricos nos séculos XIX e atual. Burnett (2012, p.119-138) faz um histórico sobre a habitação popular em São Luís onde cita cinco modos de produção de habitação, que acabam por descrever como foram as intervenções, e o processo de urbanização na cidade. São elas: a) A autoconstrução de habitação popular, no período da colônia e o império (1617 -1889); b) A produção privada de habitação popular, na República velha (1889-1930); c) a produção estatal de habitação popular seletiva, na segunda república (1930-1964); d) a produção estatal de habitação popular em massa, na época da ditadura

militar (1964-1985). Esta última fase (1964-1985) citada por Burnett (2012, p.134), é o ponto de partida para a análise do Conjunto habitacional da Cidade Operária.

Em 1958, o engenheiro Ruy Mesquita cita no Plano de Expansão de São Luís, que ele e sua equipe organizaram um Plano Rodoviário em 1950, para além dos limites do núcleo histórico, e no plano são citadas 18 avenidas e rodovias, e entre elas, as Rodovias na área do Itaqui –Bacanga, a Rodovia Anil - Ribamar, a Rodovia Anil – Olho d’água, Avenida Areal-Tirirical, entre outras, visando o crescimento, a expansão, e a descentralização da cidade. A implantação dessas avenidas e rodovias foi importante para a instalação de grandes empreendimentos que estariam por vir nas décadas seguintes e que viriam a ser um dos fatores responsáveis pela nova configuração espacial e na paisagem urbana da cidade. Pois como diz Santos (2006, p.186) não basta, pois, produzir. É indispensável por a produção em movimento.

São Luís, até a década de 1970 era uma cidade compacta, concentrada. A expansão de São Luís, ao tratar de ocupar terras não urbanizadas, distantes da cidade existente, deu início à construção de uma nova cidade que se caracterizou pela descontinuidade do construído, uma cidade dispersa. Esta é a nova condição urbana. É importante caracterizar que a cidade dispersa, como será visto mais adiante, foi consequência das escolhas do processo de urbanização, mais especificamente as que se expressaram no Plano Diretor de 1974. (VENÂNCIO, 2011, p.34)⁷

O crescimento urbano no país sempre se deu de forma excludente. Para Maricato (2011, p.39) o processo de urbanização se apresenta como uma máquina de produzir favelas e agredir o meio ambiente. O número de imóveis ilegais na maior parte das grandes cidades é tão grande que é possível dizer que “a regra tornou-se exceção e a exceção tornou-se regra”. A autora considera que a cidade legal (cuja produção é hegemônica e capitalista) caminha para ser, cada vez mais, espaço da minoria.

⁷ VENANCIO, Marluce Wall de Carvalho. Urbanização dispersa em São Luís: tensões entre expansão e centro. 2011. 282f. Dissertação (Doutorado em Urbanismo)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

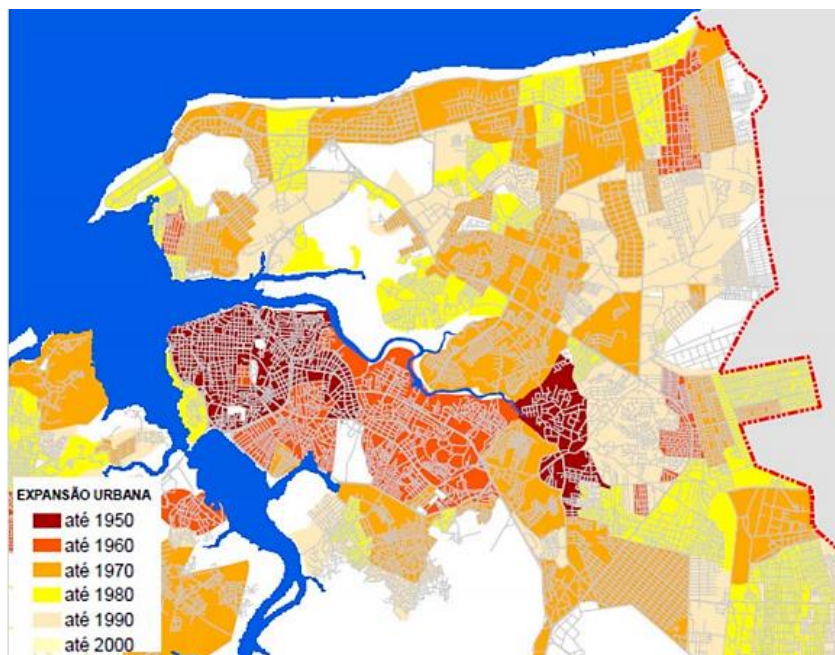


Figura 5 - Evolução histórica de São Luís
Fonte: SÃO LUÍS, 2006.

Segawa (1999) e Vasconcelos (2007) apontam que mais precisamente em 1964 após o golpe, deu-se início a maior iniciativa do governo federal voltada para produção de habitação para a classe trabalhadora já existente até hoje. Sob forte influência desenvolvimentista, o Sistema Financeiro de Habitação foi composto através da criação do Banco Nacional de Habitação que angariava fundos, principalmente através da arrecadação do fundo de garantia por tempo de serviço, o FGTS, dos trabalhadores. Até então, a capital maranhense, nessa época sofre o maior processo de expansão da sua história.

As reformas urbanas realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases do urbanismo moderno no que ela chamou de “à moda” da periferia. (MARICATO, 2011, p.17) A autora afirma ainda que eram realizadas obras de saneamento básico para eliminação de epidemias, ao mesmo tempo em que se promovia o embelezamento paisagístico e eram implantadas as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista. A drenagem de recursos financeiros para o mercado habitacional, em escala nunca vista no país, ocasionou a mudança de perfil das grandes cidades, com a verticalização promovida pelos edifícios de apartamentos (MARICATO, 2011, p.20). Esse fato citado por Maricato referiu-se ao Rio de Janeiro, mas os investimentos do BNH e do SFH em São Luís também modificaram o perfil da cidade.

A expansão física das cidades é demandada pela expansão da produção econômica. O processo de descentralização que foi desencadeado a partir das políticas habitacionais do BNH trouxe uma nova configuração social, econômica e espacial para a cidade. Os vazios

urbanos existentes entre o Centro da cidade e as futuras centralidades que viriam a surgir, foram preenchidos das mais variadas formas, ordenadas (como os conjuntos projetados) ou desordenadas (como as “invações”). Na figura 07 e 08 vemos o Conjunto Residencial do Anil com 543 residências, observa-se a Avenida Jerônimo de Albuquerque e as áreas livres e não edificadas e com vegetação ao redor do conjunto, cuja paisagem está bem modificada no cenário atual.



Figura 6 – Exemplo de políticas habitacionais do BNH. Bairro da Cohab (década de 1970). A área destacada em vermelho corresponde à área do Mercado Municipal da Cohab.

Fonte: Revista Desenvolvimento & Investimento", nº 1, ano I, Maio/Junho 1970

Via: Diogo Guagliardo Neves

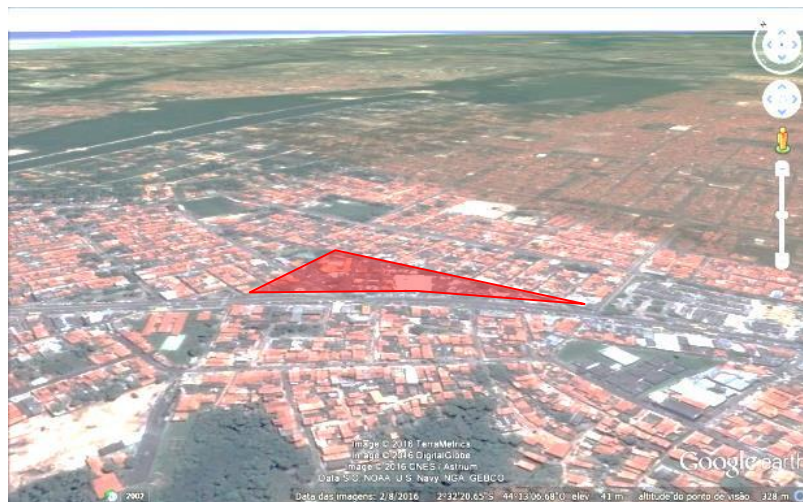


Figura 7 – Foto atual do Bairro da Cohab - A área destacada em vermelho corresponde à área do Mercado Municipal da Cohab. – imagem de 08 de Fev de 2016

Fonte: Autora (2016) a partir de Googleearth (2016)

Maricato (1987 *apud* MARICATO 2012, p.21) aponta uma falha dos governos estaduais e municipais que desviaram sua atenção dos vazios urbanos⁸ par jogar a população em áreas completamente inadequadas ao desenvolvimento urbano racional, penalizando seus

⁸ Segundo Maricato (1987) Os vazios urbanos, são espaço que se valorizam com os investimentos públicos e privados feitos nos arredores.

moradores e também todos os contribuintes que tiveram que arcar com a extensão da infraestrutura. Também afirma que esse modelo funcionou enquanto o crescimento econômico se manteve acelerado, criando assim uma nova classe média urbana, mas mantendo grandes contingentes sem acesso a direitos sociais e civis básicos como as legislações trabalhistas, previdência social, moradia e saneamento, entre outros.

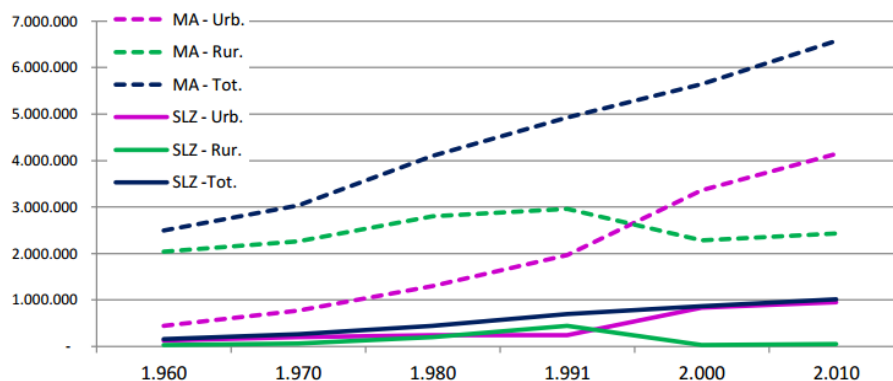


Figura 8 - Evolução da População do Maranhão e de São Luís, Urbana e Rural
Fonte: Vasconcelos, 2014.

Lopes (2008), afirma que no fim da década de 60 houve uma grande migração rural, que possivelmente esteve relacionada à demanda de mão de obra na construção civil, tanto na execução de novas vias e ampliação do sistema viário como na construção de novos conjuntos e loteamentos financiados pelas Cooperativas Habitacionais (COHAB). Na Figura 09 confirmam-se as estatísticas a respeito do êxodo rural que ocorreu na ilha, sobretudo, após a instalação de grandes empreendimentos. Nas décadas posteriores aos investimentos o cenário urbano era degradante, com um grande déficit habitacional, inflação em índices alarmantes, transporte urbano caótico, problemas na educação pública e privada.



Figura 9 - Manchete de Jornal em 1987
Fonte: PINHEIRO, Ribamar. Aumenta população palafitada. Jornal O Imparcial de 1987, p.02.
Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 10 – Manchete sobre a listagem da COHAB.
Fonte: Jornal O Imparcial de 1987, Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

A intervenção do Estado na oferta de moradia é fator chave no desenvolvimento do mercado imobiliário, sobretudo para a população com baixos salários, uma vez que essa intervenção muitas vezes representa a única oportunidade de se obter moradia própria. Afirma ainda, que a produção de habitação para essa população é, portanto, dependente da intervenção do estado ou de entidades organizadas no mercado imobiliário, uma vez que essa faixa da população não tem a possibilidade de adquirir sua residência através do mercado imobiliário regular.

Da cidade que se limitava ao antigo centro que crescia lentamente em direção ao Anil, emerge uma nova cidade, através de novos eixos guiados por novos vetores tais quais a Avenida Jerônimo de Albuquerque, Daniel de La Touche, Avenida dos Africanos, São Luís Rei de França, além de ícones como a barragem do Bacanga e a ponte Governador Sarney as quais vão dar início à ocupação de áreas antes não habitadas, tais quais a “ponta do São Francisco”, Itaquí, além do povoado do Vinhais e da região do Tirirical. Vasconcelos (2007) relata, ainda:

“Para a construção das propostas foram criadas em cada estado as Companhias habitacionais, as COHABs, responsáveis pela construção dos conjuntos em cada estado, além das INOCOOPS que auxiliavam as Cooperativas de habitação, de diversos programas de fomento à habitação e aquisição de lotes urbanizados ou mesmo na reforma das unidades habitacionais.”

2 O CONJUNTO HABITACIONAL DA CIDADE OPERÁRIA

A produção do espaço, os arranjos urbanos, as adaptações, as mutações que a população provocou no tecido urbano, a setorização da economia, os usos e os fluxos desenham parte dessa dinâmica particular do bairro da Cidade Operária. A forma desigual como a sociedade se reproduz no território tem como resultado a segregação socioeconômica. Villaça (2001, p. 46-47) afirma que se há uma inter-relação entre o espaço e o social, deve haver efeitos do espaço sobre o social. Para Henry Lefebvre e Mark Gottdiener citados por Villaça (2001, p. 47) o espaço “reage de volta” sobre as relações sociais.

Quando se pensa em uma cidade seja ela de qualquer parte do mundo temos na mente uma representação parcial do que ela é, geralmente pensamos no bairro mais próspero, numa avenida que fervilha dinheiro e cultura, etc. A imagem que é reproduzida pelo imaginário e que representa a cidade é a da cidade perfeita, desconsiderando que a cidade é múltipla, fragmentada e diversa em forma e conteúdo.

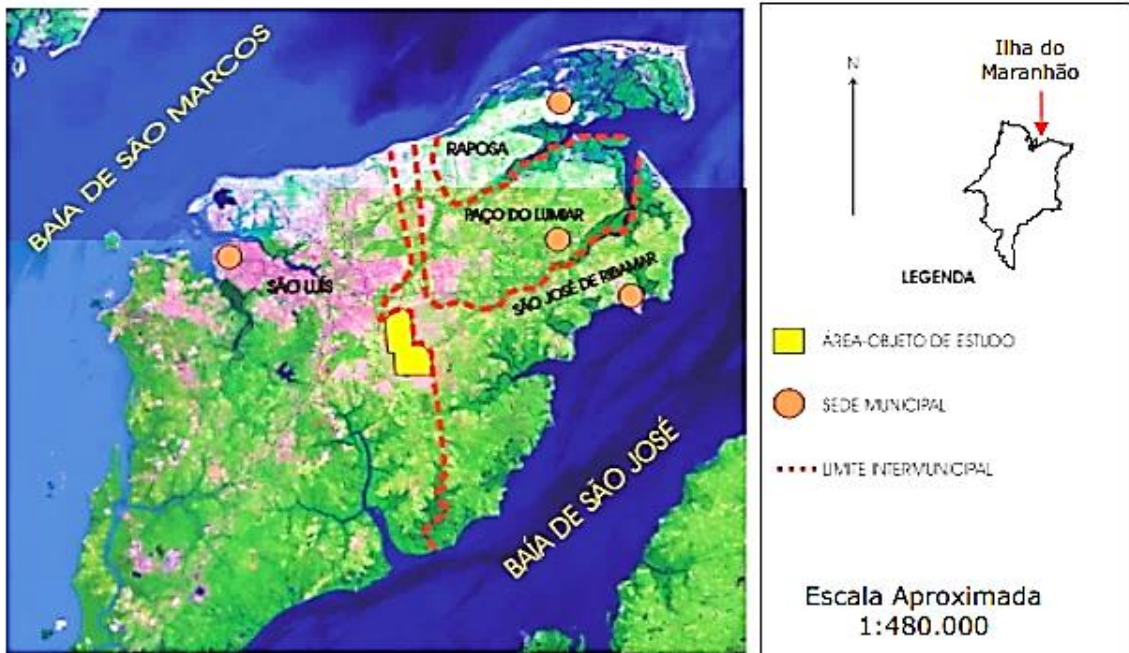


Figura 11 - Localização da Cidade Operária e entorno imediato, área central da Ilha do Maranhão.
 Fonte: CORREA (2013)⁹

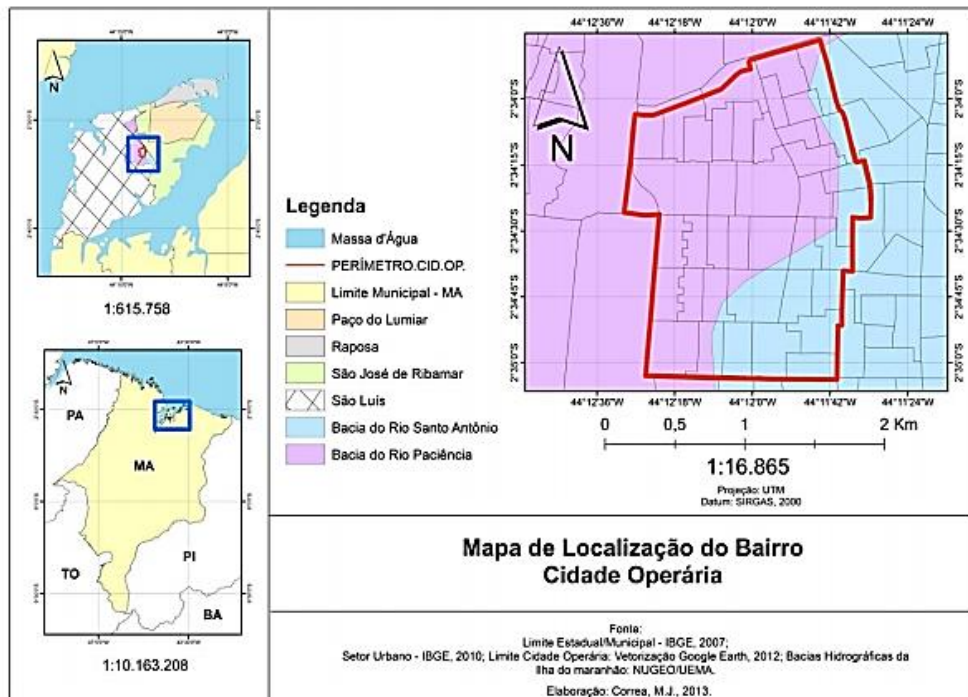


Figura 12 - Localização do Bairro
 Fonte: CORREA (2013)

⁹ CORREA, Marcele de Jesus. Análise geoespacial da Cidade Operária: a dinâmica de ocupação como um dos eixos de expansão urbana do município de São Luís – MA. RBDP – Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, v. 2, n. 2, p. 69-79, jul./dez. 2013.

2.1 Processo Histórico de ocupação do Conjunto da Cidade Operária

Este bairro, criado para os trabalhadores que podiam adquirir seus imóveis através de financiamentos, cujas condições de inscrição na Cohab para aquisição da casa própria seriam ter até cinco salários mínimo e nenhum outro imóvel registrado no nome do inscrito. Deslocou para o centro-leste da ilha os olhares da população de São Luís, que sonhava com o seu primeiro imóvel e viam como uma nova alternativa de fugir do altos aluguéis da década de 80 - a “década perdida” - e acabou atraindo para o seu entorno uma parcela da população que veio do interior na década de 1970. Muitas dessas pessoas que hoje ocupam as chamadas “invasões” nas franjas do bairro foram pessoas que invadiram as casas do conjunto e foram expulsas pela polícia para que os mutuários legais tomassem posse das casas, tendo como alternativa criar suas moradias provisórias e que acabaram se tornando moradias fixas. E com essas primeiras pessoas já fixadas não tardou até que surgissem mais invasões de terras e surgimento de movimentos populares que inflamaram a ocupação dessas áreas do entorno. Mesmo ficando durante um bom tempo à espera de melhorias em termos de transporte, comércio e serviços, o bairro deu suporte à instalação das ocupações espontâneas limítrofes ao bairro.



Figura 13 - Manchete de Jornal em 1987

Fonte: PINHEIRO, Ribamar. Aumenta população palafitada. Jornal O Imparcial de 1987, p.02. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

Conforme pesquisa feitas em jornais¹⁰ que circulavam na cidade de São Luís naquela época, a ocupação do bairro se deu de forma bem hostil devido aos diversos conflitos entre a própria população. A primeira lista de contemplados saiu no final do ano de 1986 e a segunda

¹⁰ O Imparcial, 09 de janeiro de 1987, Ano LX

e a terceira em janeiro de 1987, com um atraso justificado pelo presidente da COHAB¹¹ por causa principalmente, das mudanças econômicas provocadas pelo Plano Cruzado II que extinguiu o BNH¹². Com isso, houve uma transferência do acervo para a Caixa Econômica Federal e, de acordo com afirmações do diretor da COHAB na época, Edgar Maranhão, houve todo um processo de renegociação com o novo órgão financiador. O diretor fala que outro fator pra o atraso na segunda listagem foi a recuperação das casas, prejudicadas pela falta de material de construção e o período de fim de ano. Outro problema citados nos jornais da época eram os saques de casas que já estavam prontas e roubos de materiais de construção como janelas e portas.



Figura 14 - Manchete sobre a invasão das casas
Fonte: Jornal O Imparcial de 18 de janeiro de 1987, capa. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 15 - Manchete sobre listas dos contemplados.
Fonte: Foto do Jornal O Imparcial de 09 de janeiro de 1987, Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

Companhia de Habitação Popular do Estado do Maranhão		
Nome	Nº de Inscrição	Valor
Adriano Soares de Brito	1.000.000.000	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.001	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.002	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.003	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.004	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.005	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.006	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.007	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.008	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.009	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.010	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.011	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.012	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.013	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.014	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.015	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.016	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.017	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.018	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.019	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.020	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.021	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.022	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.023	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.024	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.025	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.026	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.027	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.028	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.029	100.000,00
Adriano Soares de Brito	1.000.000.030	100.000,00

Figura 16 - Uma das listas de contemplados: a terceira lista publicada no dia 29 de janeiro de 1987.
Fonte: Jornal O Imparcial de 29 de janeiro de 1987, p. 12. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

Na reportagem da Figura 19 e 20 há o relato da invasão das unidades habitacionais onde duas unidades da Polícia Militar foram acionadas com um efetivo de 300 homens,

¹¹ Companhia de Habitação Popular do Estado do Maranhão

¹² Banco Nacional de Habitação

expedido pelo secretário de Justiça e Segurança Pública, Coronel Silva Júnior, para reprimir cerca de 2500 invasores que estavam há cerca de 15 dias no local. Entre os invasores estavam pessoas que inscritas na COHAB mas ainda não tinham sido sorteados e pessoas que não estavam inscritas, sem moradia. O clima hostil gerou receio dos mutuários contemplados de tomarem posse da unidade habitacional, pois eram ameaçados pelos invasores. Esses conflitos ocorreram nos anos de 1986 e 1987 na época do governador de Luís Rocha.



Figura 17 - Povo x Cohab

Fonte: Jornal O Imparcial de 19 de janeiro de 1987, p.05. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 18 - Tumulto no bairro e a polícia fazendo a retirada dos invasores.

Fonte: Jornal O Imparcial de 19 de janeiro de 1987, p.08. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 19 - Pessoas sendo despejadas do local

Fonte: Jornal O Imparcial de 19 de janeiro de 1987, p.05. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 20 – Invasores

Fonte: Jornal O Imparcial de 19 de janeiro de 1987, p.05. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 21 - Novos invasores chegando

Fonte: Jornal O Imparcial de 20 de janeiro de 1987, p.07. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.



Figura 22 - A polícia não consegue conter invasões.

Fonte: Jornal O Imparcial de 25 de janeiro de 1987, p.05. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

Ainda conforme as reportagem dos jornais o processo de remoção dos invasores era feito à medida que os sorteios da COHAB eram feitos e os contemplados para obter ajuda da polícia mostravam a inscrição e os jornais onde constavam seus nomes de forma que os contemplados eram acompanhados pelos policiais até as unidades habitacionais, e se estas estivessem ocupadas os invasores eram retirados para os contemplados tomarem posse. O clima era de tensão pois os sorteados eram hostilizados pelos invasores. A intimidação era manifestada de diversas formas inclusive nas paredes das casas riscadas avisando que “a casa já tinha dono”.

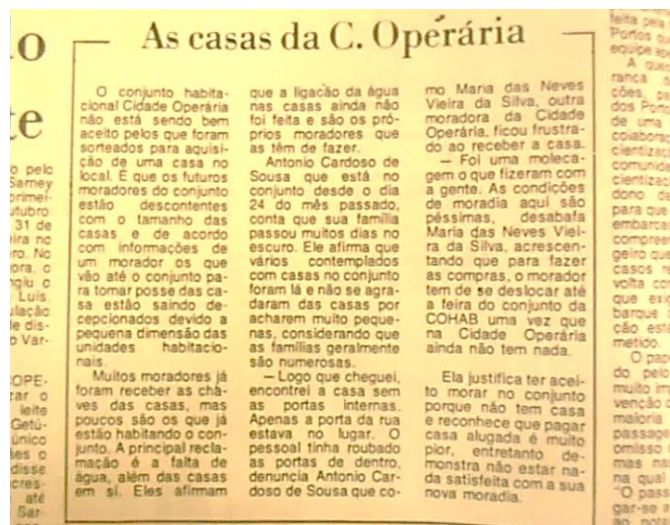


Figura 23 - Relatos dos moradores para a reportagem

Fonte: Foto do Jornal O Imparcial de 09 de janeiro de 1987., Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

O sonho da casa própria (por parte dos mutuários), e/ou apenas a necessidade emergencial de abrigar-se (no caso dos invasores) levou a massa popular para as ruas do bairro e com diversos interesses em jogo não tardou a aproximação oportunista de vários lados. Políticos demonstrando apoio (Figura 26) e advogados defendendo as causas: alguns advogados defendiam os contemplados, outros defendiam os invasores e viu-se na época um verdadeiro mercado.



Figura 24 - Oportunistas incitam as ocupações
 Fonte: Foto do Jornal O Imparcial de 29 de janeiro de 1987,. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

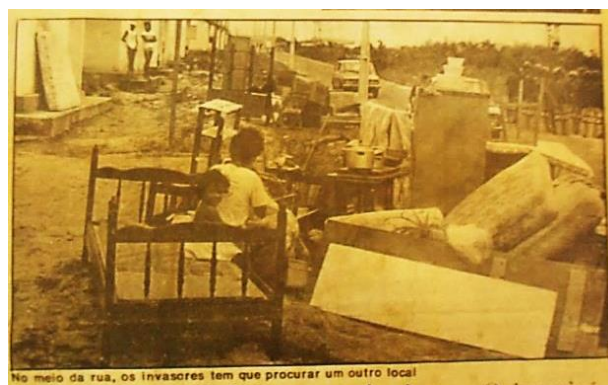


Figura 25 - Invasores despejados que possivelmente vieram a ocupar as frajas do bairro formando as ocupações que hoje formam essa região.
 Fonte: Foto do Jornal O Imparcial de 29 de janeiro de 1987,. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

No governo de Eptácio Cafeteira é declarado através da imprensa que “as casas seriam de quem estivesse dentro delas”. Havendo de 1988 a 1989 a regularização dos moradores através de um recadastramento feito pela Cohab tantos do lado dos contemplados, quanto do lado dos ocupantes. E entre 1989 e 1990 foi feita a entrega dos contratos aos moradores encerrando esse capítulo no bairro.

Os advogados do lado dos ocupantes que pagavam taxas à Companhia de habitação a muitos anos entravam com medida cautelar para anular a seleção feita pela COHAB ou que a justiça investigasse ou mandasse a COHAB proceder investigação criteriosa através de perícia ou vistoria para averiguar se os que foram contemplados possuíam outro imóvel ou renda superior a cinco salários mínimos.

2.2 Etapas de implantação

O Conjunto Habitacional da Cidade Operária, criado em 1986, que, segundo Burnett (2012) surgiu em pleno regime militar, sob a tutela do Banco Nacional de Habitação (BNH) que tinha o objetivo de legitimar o governo militar perante as camadas populares. Ribeiro (2001) *apud* Vasconcelos (2007) aponta a Cidade Operária como um conjunto construído através de financiamentos do BNH¹³, inaugurado em 1986, onde foram entregues 7500 unidades habitacionais.

Na relação do bairro e o território no seu entorno, considera-se que sua dinâmica espacial pode ser analisada em três fases. Conforme Dias e Ferreira (2004) na primeira fase,

¹³ Banco Nacional de Habitação

de 1976 a 1981, quando ocorre a devastação da cobertura vegetal original em algumas áreas em decorrência do assentamento do povoado Parque Zelândia e a prática da agricultura de subsistência em terraços e encostas fluviais. Os autores afirmam ainda que a ocupação da referida área foi um agravante socioambiental, haja vista ser localizado em áreas de cabeceiras de drenagens das bacias hidrográficas do Paciência e do Santo Antônio, localizadas no centro da Ilha do Maranhão. Nesta fase as bacias hidrográficas ainda estavam bastante preservadas, entretanto, haviam impactos gerados pelas queimadas, que afetaram, principalmente, os solos.

A área destacada em verde (figura 26) corresponde à área onde o conjunto seria implantado em meados da década de 70, conforme o Plano de Expansão da Cidade de São Luís (1958) era uma zona rural. No Plano Diretor de São Luís (1977) a referida área ainda é tratada como zona rural. E somente no Plano Diretor Municipal de São Luís de 1992 é que o Conjunto da Cidade Operária aparece como uma ZR-4, ou seja, uma zona residencial consolidada.

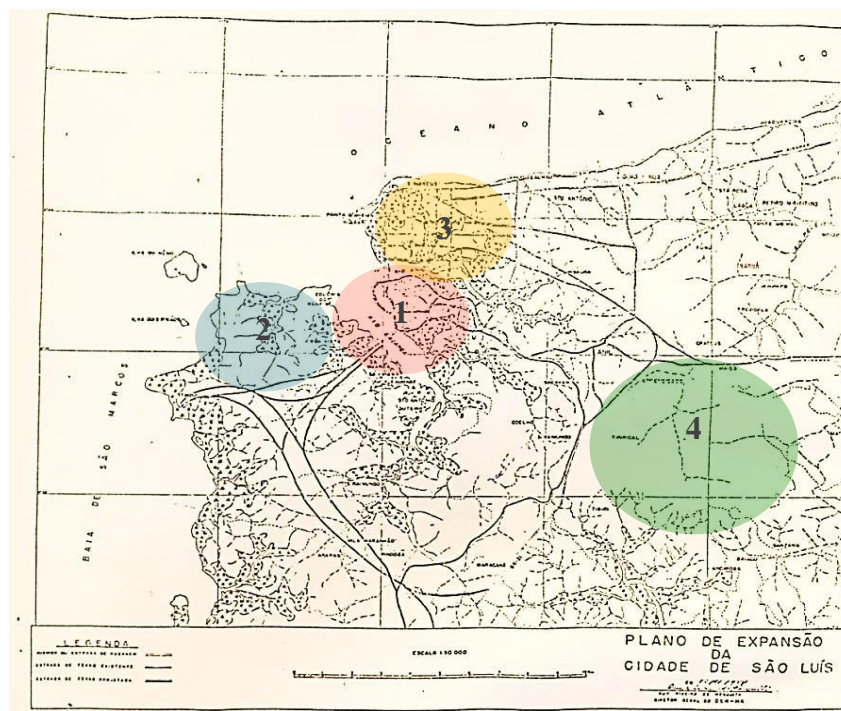


Figura 26 - O desenvolvimento urbano de São Luís. 1 – Centro Histórico; 2 – Itaqui-Bacanga; 3 – Ponta d’areia; 4 – Local onde será implantada a Cidade Operária nos anos 70.

Fonte: Autora (2016) a partir do Plano de Expansão da Cidade de São Luís, de 1958.

Dias e Ferreira (2004) afirmam que entre 1981 e 1988 ocorre a segunda fase, é quando se inicia o processo de construção do Conjunto Habitacional Cidade Operária. Nesta etapa foram devastados 860 ha de terras, onde a apropriação dos moradores do Conjunto Habitacional (a partir de fins de 1986) ocasionou a poluição das bacias já mencionadas pelo lançamento de efluentes domésticos. E a terceira fase, que se iniciou em 1988 e se estende até hoje, os agravantes intensificaram-se com a ocupação na área de entorno da Cidade Operária. É nesta fase, os problemas ambientais se intensificam, tornando-se mais perceptíveis, sendo ainda agravados pela ocupação de sua área de entorno sem intervenção por parte do Estado, além de ser tal fato a materialização das demandas populares por moradia.

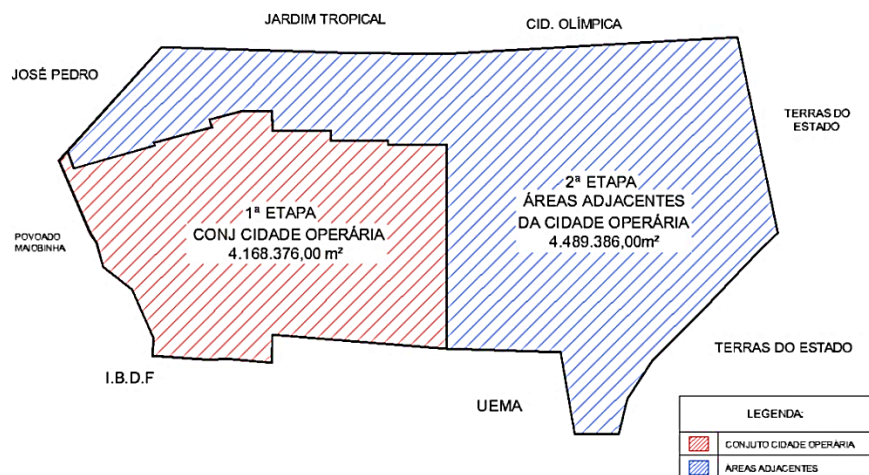


Figura 27 - Áreas da 1ª etapa do Conjunto da Cidade Operária e da 2ª Etapa que hoje corresponde aos bairros adjacentes.

Fonte: EMARHP (2015)

Conjunto	Ano	Unidades Habit.
Cohab - Anil I	1967	505
Cohab - Anil II	1968	516
Cohab - Anil III	1969	1.417
Coheb - Sacavém	1970	476
Radional	1972	366
Cohab - Anil IV	1975	1.111
Vinhais	1979	1.627
Bequimão	1979	1.190
Turú I	1979	767
Rio Anil	1979	345
Angelim	1980	654
Cidade Operária	1986	7.500

Tabela 1 - Quadro Síntese da Produção da COHAB- MA
Fonte: Ribeiro Júnior (2001) *apud* Vasconcelos (2014).

Conjunto	Ano	Unid. Habit.	Equipamentos Urbanos
Anil I	1967	505	05 praças, 01 escola.
Anil II	1968	516	05 praças, 01 escola.
Anil III	1969	1.417	01 centro comercial, 01 caixa d'água, 01 delegacia, 01 casa administrador, 01 escola.
Sacavém	1970	476	01 igreja, 01 centro comercial, 01 mercado, 01 área reservada.
Radional	1972	366	01 centro comercial, 01 colégio, 01 centro comunitário, 01 igreja católica
Anil IV	1975	1.111	01 centro comercial, 01 grupo escolar, 01 centro social urbano, 01 casa administrador, 01 administração.
Vinhais	1979	1.627	18 praças, 01 centro de abastecimento, 01 creche, 02 colégios, 01 delegacia, 01 centro social urbano, 02 quadras de futebol, 07 áreas verdes, 04 avenidas, 03 áreas p/ igrejas, 01 terminal urbano, 01 ambulatório, 02 quadras de futebol.
Bequimão	1979	1.190	02 praças, 01 centro de abastecimento, 01 creche, 02 colégios, 01 delegacia, 01 centro comunitário, 06 áreas verdes, 01 ambulatório, 01 administração, 01 avenidas ⁵⁴ , 58 ruas.
Turú I	1979	767	01 creche, 01 administração, 01 delegacia, 01 ambulatório, 03 praças, 28 ruas, 01 áreas verdes, 09 avenidas.
Rio Anil	1979	345	01 praça, 12 áreas verdes, 01 área institucional, .01 área comunitária.
Angelin	1980	654	02 praças, 02 quadras, 03 áreas verdes, 01 área institucional, 04 avenidas, 26 ruas.
Cidade Operária	1987	7.500	05 unidades pré escolar, 06 escolas, 04 centros sociais urbanos, 01 delegacia, 02 postos policiais, 02 postos de saúde, 03 módulos esportivos, 01 centro social, 01 administração, 01 centro de saúde, 01 centro de abastecimento.

Tabela 2 – Equipamentos Urbanos nos Conjuntos da Cohab – MA em São Luís

Fonte: Arquivo Pessoal do Engenheiro Izidro Ribeiro

3 OLHARES SOBRE O COTIDIANO: CENTRALIDADE E URBANIDADE

3.1 Um olhar sobre a centralidade

O bairro é definido conforme o Plano Diretor (SÃO LUÍS, 2006), dentro do Macrozoneamento Urbano de São Luís, como uma Área em Consolidação (Macrozona em Consolidação – 2), que representa uma área com boa infraestrutura, e certo grau de urbanização, mas que requer qualificação urbanística. No Art. 37¹⁴ da Lei Municipal N° 4.669 de 11 de outubro de 2006 (ANEXO 02) a *Macrozona em Consolidação - 2 é composta por áreas que apresentam vazios urbanos significativos propícios à expansão e ao adensamento, possuindo áreas em condições favoráveis à atração de investimentos imobiliários privados, mas que ainda necessitam de qualificação urbanística para complementação do tecido urbano e de um melhor aproveitamento do potencial paisagístico para efetivação da função social da propriedade.*



Figura 28 – Classificação viária do Município de São Luís (Detalhe da área urbana)
 Fonte: BARBOSA; ESPÍRITO SANTO; TRINTA (2014, p.39)

¹⁴ SÃO LUÍS. LEI N° 4.669 DE 11 DE OUTUBRO DE 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de São Luís e dá outras providências. Disponível em: < <http://www.gepfs.ufma.br/legurb/LEI%204669.pdf>> Acesso em: 18 de Mai de 2016.

Esta área em estudo, assim como outros conjuntos habitacionais criados na mesma época, surge também pelo avanço da infra estrutura viária sobre o lado oeste e noroeste do território da ilha. Onde Alcantara Jr; Selbach (2009) apontam que nesta perspectiva várias avenidas foram construídas e ao mesmo tempo em que facilitavam o deslocamento para áreas antes pouco ou mesmo não habitadas, acabou por contribuir para uma expansão do perímetro urbano de São Luís. Uma análise do mapa de São Luís com suas avenidas mostra claramente como a malhar viária imbricou-se com o assentamento humano da cidade.

Correa (2013) aponta que devido ao crescimento e desenvolvimento no setor de prestação de serviços ao longo dos anos, a Cidade Operária sofreu um processo de expansão do seu entorno, que deu origem a vários bairros limítrofes, como Santa Clara, Santa Efigênia, Cidade Olímpica, Jardim Tropical, Jardim América, Jardim São Cristóvão, Recanto dos Signos, Recanto dos Pássaros, dentre outros. Segundo um representante da Associação de Moradores do Conjunto da Cidade Operária, Pedro Câmara¹⁵, do Movimento Popular no bairro da Cidade Operária, a região da Cidade Operária/Cidade Olímpica são aglomerados habitacionais que de acordo com os dados da Associação de moradores do local, somados atingem algo em torno de mais de 200 mil habitantes.

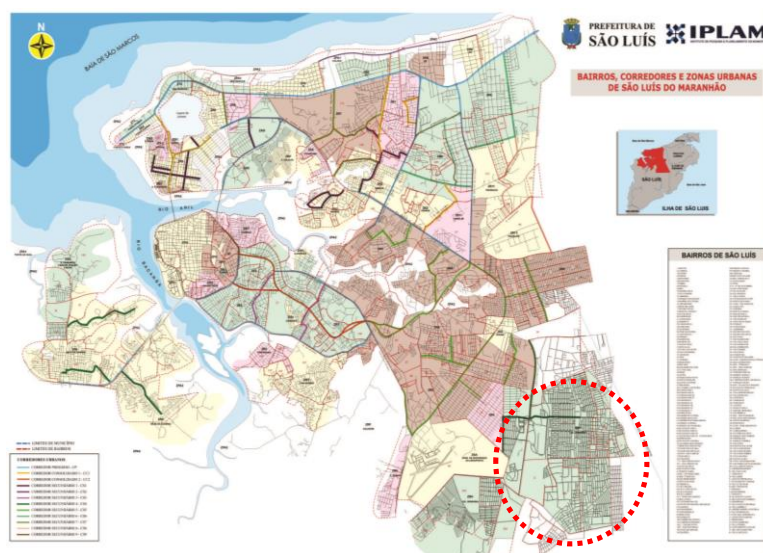


Figura 29 - O bairro da Cidade Operária destacado no Mapa de Zoneamento de São Luís
Fonte: Autora (2016) a partir de IPLAM - Prefeitura de São Luís.

O estudo da centralidade no bairro da Cidade Operária se dá pela observância dos fluxos e da interação com outros bairros do entorno e da relação de interdependência existente

¹⁵ http://espacoecidadania.blogspot.com.br/2013_07_14_archive.html

entre eles. Brandão (2007, p.81) comenta que o estudo das polarização pode esclarecer o potencial diferenciado de espaços particulares, averiguando as complementaridades e as hierarquias subjacentes ao processo. Fala ainda, da análise do alcance e a esfera de influência do pólo, detectar as interdependências das atividades e decisões dos agentes econômicos, mapear a atuação de um arranjo de forças central, dos núcleos de mais alto nível (pólos de onde emanam decisões cruciais) e a repercussão em seus complementos periféricos, que são tributários, são tarefas-chave para estruturar o campo temático dos estudos regionais e urbanos. A abordagem do autor sobre centralidade, polarização, núcleos, hierarquias, campos de força

O que deve ser retido da importância do estudo dessa força polarizadora é a existência de uma força de interação entre nós (centros com autonomia de decisão) em torno dos quais gravitam espaços “satelitizados”, com baixo poder autônomo e endógeno de decisão. (Brandão, 2007, p. 81-82)

O bairro é localizado em uma ZR-4 (Figura 52) de acordo com a Legislação Urbanística do Município de São Luís¹⁶ e tem sua descrição na Seção IV desta referida lei nos artigos 20 ao 23.

SEÇÃO IV [grifo nosso]

ZONA RESIDENCIAL 4 – ZR 4

Art. 20 - Os usos permitidos e proibidos na Zona Residencial 4 estão definidos na tabela anexa à presente Lei.

Art. 21 - Os lotes resultantes dos novos parcelamentos são fixados e disciplinados pelas seguintes normas:

I. Área mínima do lote igual a 250,00 m² (duzentos e cinquenta metros quadrados);

II. Testada mínima do lote igual a 10,00 m (dez metros).

Art. 22 - Os novos parcelamentos nesta Zona deverão obedecer à tabela anexa à presente

Lei. Parágrafo único - Os índices constantes na tabela referente ao artigo anterior não excluem a obrigatoriedade dos artigos citados nas disposições sobre parcelamento do solo.

Art. 23 - As ocupações dos lotes pelas edificações ficam disciplinadas pelas seguintes normas:

I. Área Total Máxima de Edificação (ATME) igual a 120% (cento e vinte por cento) da área do terreno;

II. Área Livre Mínima do Lote (ALML) igual a 40% (quarenta por cento) da área do terreno;

III. Afastamento frontal mínimo igual a 3,00 m (três metros);

IV. Gabarito máximo permitido igual a 04 (quatro) pavimentos.

¹⁶ SÃO LUÍS. Legislação Urbanística de São Luís. Lei N° 3.252, de 29 de Dezembro de 1992. Dispõe sobre o Plano Diretor Municipal de São Luís e dá outras providências. Secretaria Municipal de Terras, Habitação e Urbanismo. São Luís: Imprensa Universitária, 1997.

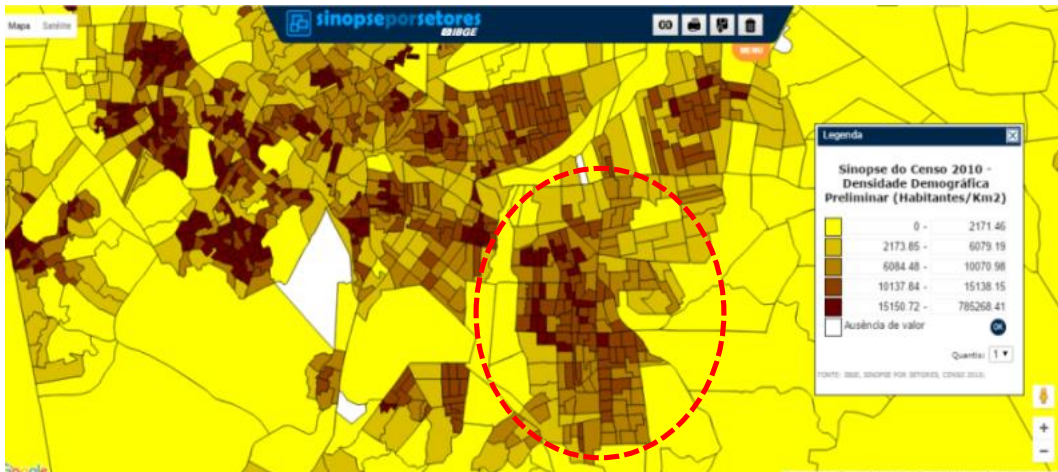


Figura 30 - Mancha da Densidade demográfica da região circutada em vermelho
 Fonte: Autora (2016) a partir de IBGE (2010)

Quanto mais baixa for a renda da população, tanto mais será forçada a desenvolver um pequeno comércio ou pequeno serviço, em geral na sua própria moradia, por uma questão de sobrevivência. (CAMPOS FILHO, 1999)

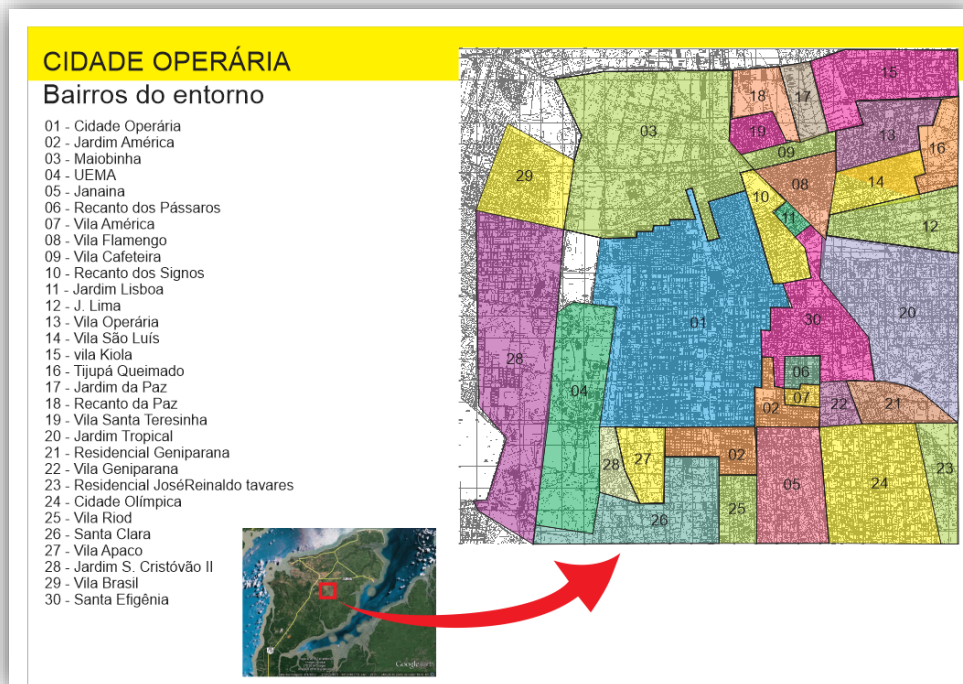


Figura 31 - O Conjunto da Cidade Operária e o seu entorno
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico

Para Souza (2005, p.25), a cidade é do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades econômicas vistas a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua centralidade – ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta e que fazem com que ela atraia compradores apenas das

redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países. Weber (1921 *apud* SOUZA, 2005, p.25) comenta que a cidade é, primordialmente e essencialmente, um “local de mercado”. Apesar de nem todo “local de mercado” ser uma cidade [...] toda cidade é um “local de mercado”, onde se dá um intercâmbio regular de mercadorias.

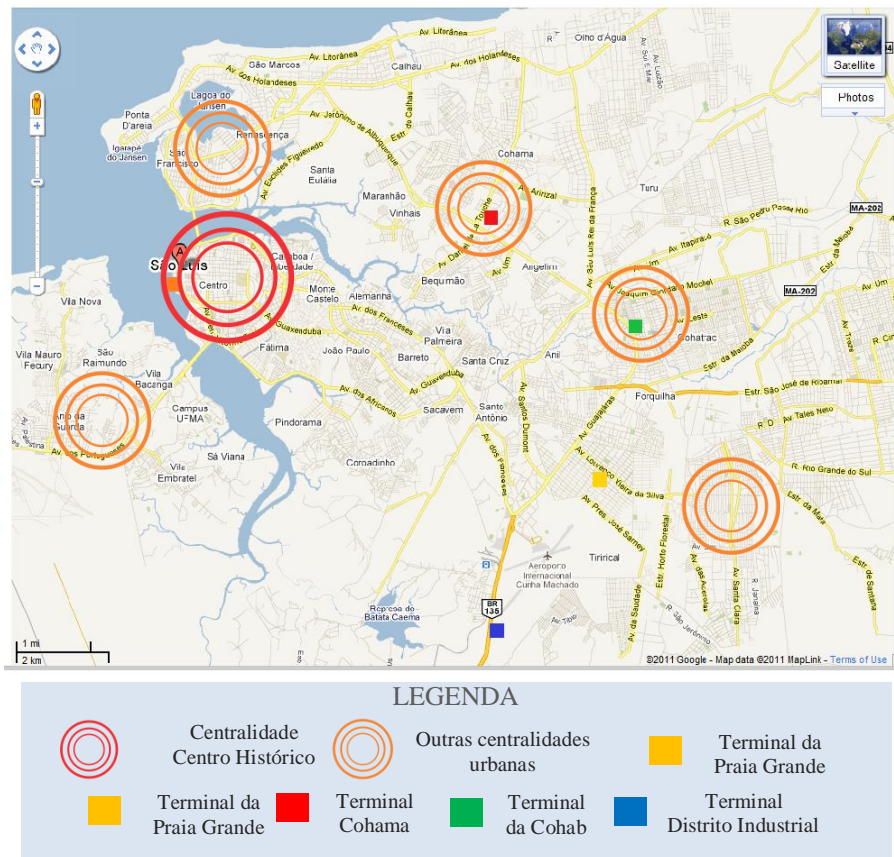


Figura 32 - Centro histórico e novos “nós” na malha urbanos de São Luís –MA
Fonte: Autora (2016) a partir de Google 2011

O desenvolvimento das forças produtivas gera polaridades, “campos de forças”, desigualmente distribuídas no espaço, centralidades, ou seja, estruturas de dominação fundada na assimetria e na irreversibilidade, que ainda serão reforçadas pela inércia dos investimentos do capital fixo concentrados naquela área, marcada por forças aglomerativas e apropriando-se de economias de escala, de proximidade e de meios de consumo coletivo presentes nos espaços construídos nos núcleos urbanos centrais do processo de desenvolvimento. Apesar de contemplar a necessária interdependência entre distintas áreas, essa atração pelos pontos nodais se funda na heterogeneidade, na hierarquia e no exercício unilateral do poder e da potência do “centro” sobre algum tipo de “periferia”. (Brandão, 2007, p. 81)

Sobre centralidade, Brandão (2007, p. 81) afirma que o desenvolvimento das forças produtivas gera polaridades, “campos de forças”, desigualmente distribuídas no espaço, centralidades, ou seja, estruturas de dominação fundadas na assimetria e na irreversibilidade,

que ainda reforçadas pela inércia dos investimentos em capital fixo concentrados naquela área central, marcada por forças aglomerativas e apropriando-se de economias de escala, de proximidade e de meios de consumo coletivo presentes nos espaços construídos nos núcleos urbanos centrais do processo de desenvolvimento. Apesar de contemplar a necessária interdependência entre distintas áreas, essa atração pelos pontos nodais se funda na heterogeneidade, na hierarquia e no exercício unilateral do poder e da potência do “centro” sobre algum tipo de “periferia”. Centros posicionados em hierarquias superiores terão tendência a serem dotados de estruturas complexas de serviços, infraestruturas, centros de armazenagem, comercialização, consumo, gestão, controle e poder público e cultural. Assim, suas forças concentradoras têm potência difícil de ser revertida ou contrabalançada (BRANDÃO, 2007, p. 81).

“Será que isso pode ser definido como uma periferização da periferia? Essas outras localidades adjacentes ao conjunto habitacional da Cidade Operária vão surgindo, inchando sem nenhum tipo de infraestrutura local, planejamento urbano ou algum tipo de monitoramento, já que essas áreas são ocupadas, e até invadidas, por não estarem localizadas em áreas cuja terra tenha algum valor especulativo.” (Correa, 2013, p.76)

As articulações, provenientes da circulação de mercadorias, estão no cerne dos processos de diferenciação e de hierarquização entre os centros urbanos, pois, em uma economia de mercado, a oferta e o consumo de mercadorias e serviços realizam-se de forma desigual e estratificada, gerando, por conseguinte, uma hierarquia entre os pontos. (BESSA, 2012, p.153).

A concentração de serviços e comércios, cultura e as movimentações inerentes ao cotidiano urbano das cidades, gera uma relação dialética onde o fluxo intenso dessas atividades gera adensamento, e o adensamento alimenta a permanência e a criação dessas atividades.

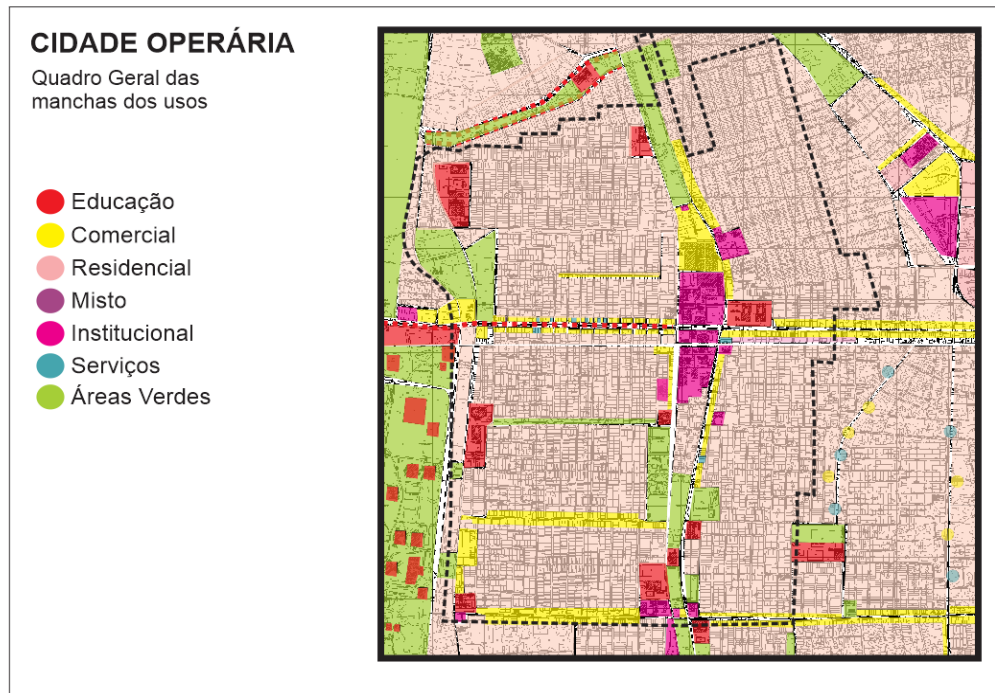


Figura 33 – Quadro Geral com as manchas dos usos predominantes
Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico

Na figura 33 tem-se o Quadro geral com as manchas dos usos, e que será dividido em quadrantes (Figura 34) para ampliação e detalhamento de cada área.

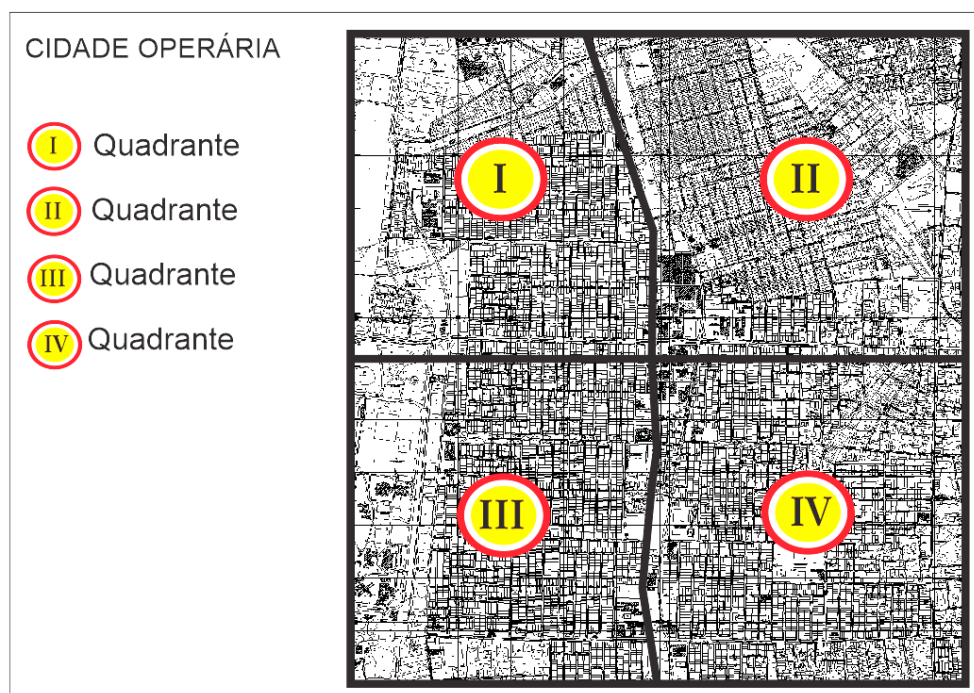


Figura 34 - Divisão dos Quadrantes para estudo dos usos
Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico

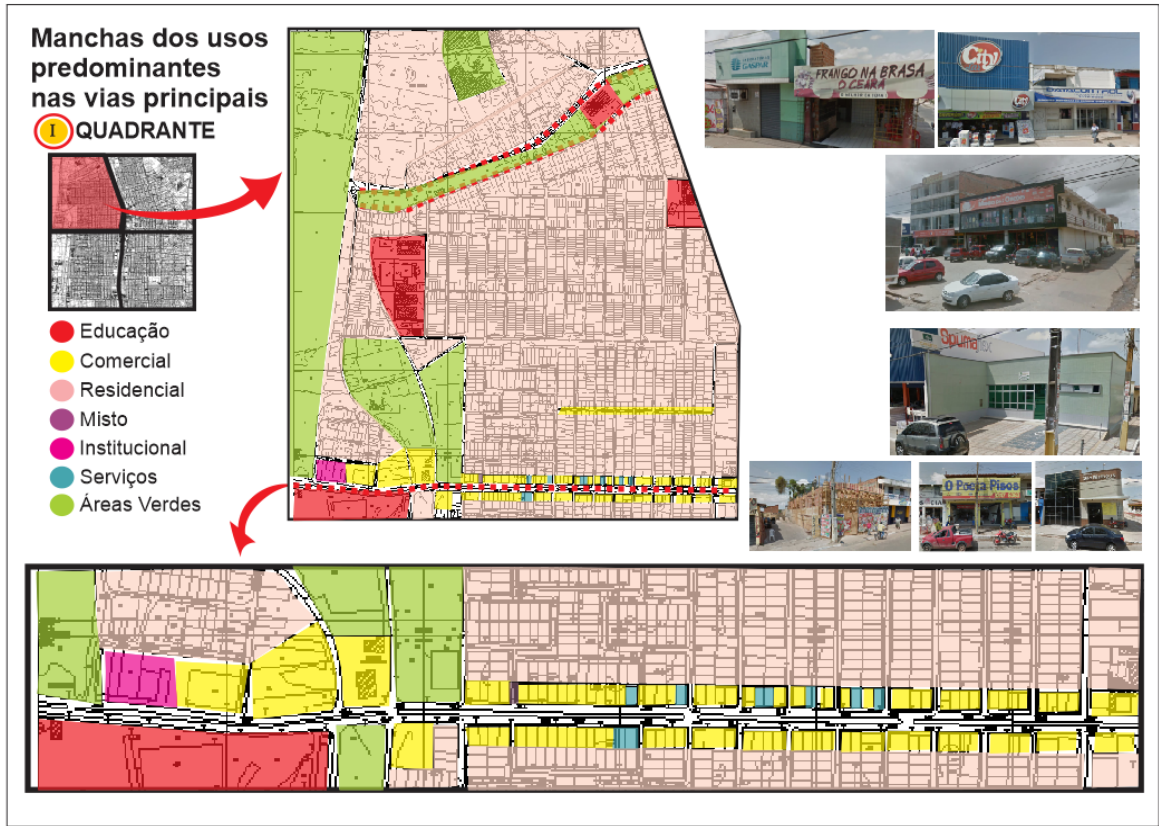


Figura 35 - USOS: 1º QUADRANTE
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico



Figura 36 – Avenida 203
 Fonte: Autora (2016)



Figura 37 – Avenida 203
 Fonte: Autora (2016)



Figura 38 – Mercado da Cidade Operária e o comércio informal
 Fonte: < <http://jornalpequeno.com.br/2012/09/19/em-meio-a-disputa-por-gestao-feira-da-cidade-operaria-decai/>>



Figura 39 – Comércio informal nas ruas próximas ao Mercado da Cidade Operária
 Fonte: < <http://www.tjma.jus.br/cgj/visualiza/publicacao/410965>>



Figura 40 - USOS: 2° Quadrante
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico



Figura 41 - USOS: 3° Quadrante
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico



Figura 42 - USOS: 4º Quadrante
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico

Para esta pesquisa o entendimento de centralidade ficou bem esclarecido por Vasconcellos (2011) que diz que a ideia de centralidade, quando se observa a cidade contemporânea, está também ligada ao seu oposto – a dispersão. O espaço urbano antes contínuo passou a se fragmentar e a sua urbanização tem se dado de maneira dispersa. Fragmentação e dispersão são, portanto novos conceitos que ajudam a explicar a cidade contemporânea e a sua forma urbana.

A autonomia do bairro em termos de prestação de serviços e comércios diversos, prédios institucionais como escolas de nível fundamental e médio, uma Universidade Estadual logo ao lado, delegacias, hospitais de públicos, igrejas, e um terminal de integração de ônibus a quase dois quilômetros do centro do bairro, faz com que o bairro faça circular um certo grau de fluxo econômico. O que antes era direcionado para o centro histórico da cidade onde, até hoje, concentra uma parte das atividades econômicas e institucionais da cidade.

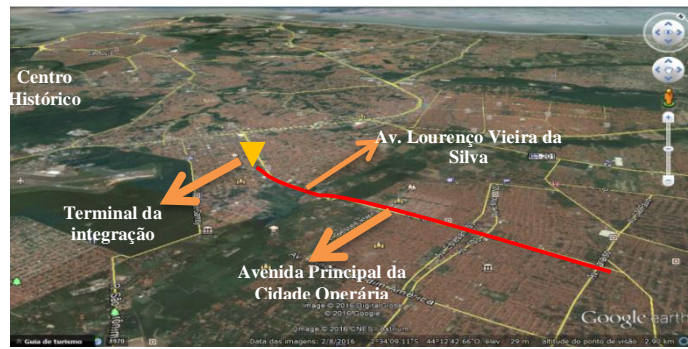


Figura 43 - Percurso dos ônibus que passam pelo Bairro da Cidade Operária em direção ao terminal da Integração do Jardim São Cristóvão .
 Fonte: Autora (2016) a partir de Google earth (2016)



Figura 44 - Terminal de Integração do Jardim São Cristóvão
 Disponível em: <http://cidade-operaria.blogspot.com.br/> Acesso em: 10 de Mai de 2016

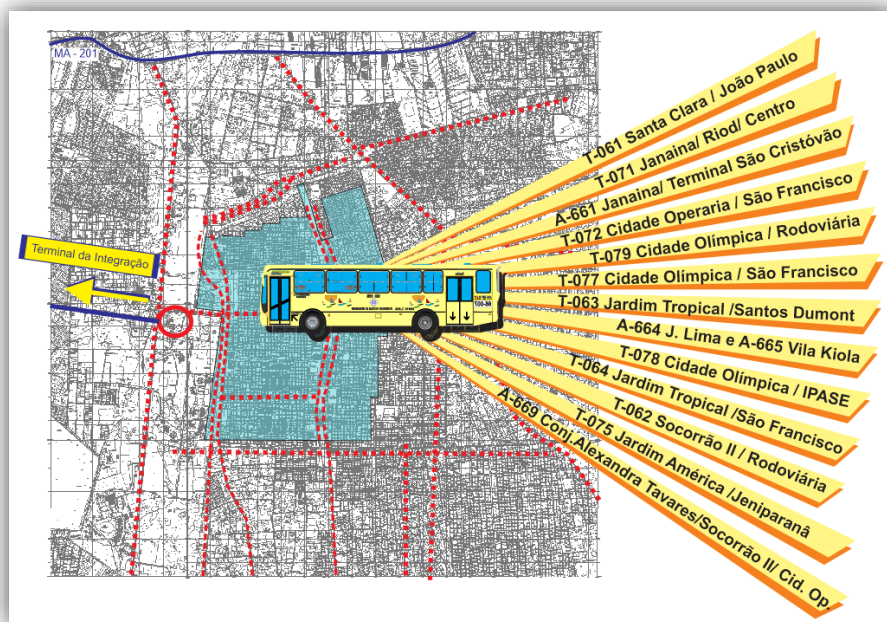


Figura 45 – As 13 Linhas de ônibus que passam pela Avenida Principal da Cidade Operária
 Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa aerofotogrametrico de São Luís.

LINHAS DE ÔNIBUS		
01	T-072	Cidade Operaria / São Francisco
02	T-061	Santa Clara / João Paulo
03	T-071	Janaina/ Riód/ Centro
04	A-661	Janaina/ Terminal São Cristóvão
05	A-669	Conj. Alexandra Tavares/ Socorrão II/ Cidade Operaria
06	T-077	Cidade Olímpica / São Francisco
07	T-078	Cidade Olímpica / IPASE
08	T-079	Cidade Olímpica / Rodoviária
09	T-075	Jardim América /Jeniparana
10	T-063	Jardim Tropical /Santos Dumont
11	T-064	Jardim Tropical /São Francisco
12	T-062	Socorrão II / Rodoviária
13	A-664	J. Lima e Vila Kiola

Tabela 3 -Linhas de ônibus que passam pela Avenida 203 (Avenida Principal) da Cidade Operária.
Fonte: Autora (2016) adaptado de SMTT (2013).



Figura 46 - Ônibus amarelo é um dos símbolos da identidade do Conjunto.

Fonte: < <http://cidade-operaria.blogspot.com.br/>> Acesso em: 30 de Mai de 2016.



Figura 47 – Super lotação do transporte público na região.

Fonte: < <http://cidade-operaria.blogspot.com.br/>> Acesso em: 30 de Mai de 2016.



Figura 48- Delegacia da Cidade Operária
Fonte: Autora (2016)



Figura 49 - Centro de Especialidades Médicas da Cidade Operária
Fonte: Autora (2016)



Figura 50 - Vista externa do Centro de Especialidades Médicas da Cidade Operária
Fonte: Autora (2016)



Figura 51 – Centro de Ensino São José Operário
Fonte: Autora (2016)



Figura 52 - Escola Launé Rodrigues
Fonte: Autora (2016)



Figura 53 - CAIC na unidade 201
Fonte: <<http://cidadeoperariaurgente.blogspot.com.br/2015/08/esse-forao-as-escolas-que-amanheceram.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 54 - Centro de Ens. José Justino Pereira na Unidade 101
Fonte: <<http://cidadeoperariaurgente.blogspot.com.br/2015/08/esse-forao-as-escolas-que-amanheceram.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 55 – C.E. Mata Roma
Fonte: <<http://cidadeoperariaurgente.blogspot.com.br/2015/08/esse-forao-as-escolas-que-amanheceram.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 56 – C.E Paulo VI no Campus da UEMA
Fonte: <<http://cidadeoperariaurgente.blogspot.com.br/2015/08/esse-forao-as-escolas-que-amanheceram.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 57 – C.E Menino Jesus de Praga, na Unidade 203
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 58 – Unid. Integrada Maria José Aragão, na Rua 205, próximo ao Jardim América.
Fonte: <<http://cidadeoperariaurgente.blogspot.com.br/2015/08/esse-forao-as-escolas-que-amanheceram.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 59 - Unidade Integrada Santa Tereza, na Rua 205
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 60 – U E. B. Tancredo Neves, na Av. Esteban 203.
Fonte: Autora (2016)



Figura 61 – U.E.B. Pr. Estevam Angelo de Souza, na Av. Estebam 203
Fonte: Autora (2016)

3.2 Os elementos morfológicos do espaço urbano e a urbanidade no bairro

Construir cidades para que elas sejam “lidas e percebidas” de forma agradável e que seja vivida de forma democrática tem sido a tarefa mais desafiadora que os urbanistas tem enfrentado. A leitura da imagem deste lugar em estudo revela parte da condição de urbanidade existente. Segundo Lamas (2001) a leitura feita da cidade revela diferentes conteúdos hisstóricos, econômicos, sociais, entre outros. Diz ainda que essa leitura só é possível porque a cidade existe como fato físico e material.

Lamas (2001, p.110) faz referencia a três dimensões ou escalas do espaço urbano: na dimensao setorial, ou á escala da rua, os elementos morfológicos identificáveis são essencialmente os edifícios, o traçado e também a árvore ou a estrutura verde, desenho do solo e o mobiliário urbano. Na dimensão urbana, ou a escala do bairro, são os traçados e praças, os quarteirões e monumentos, os jardins e áreas verdes, que constituem os elementos morfológicos identificáveis. E na dimensão territorial, ou escala urbana, os elementos morfológicos identificam-se com os bairros, as grandes infra-estruturas viárias e as grandes zonas verdes relacionadas com o suporte geográfico e as estruturas físicas da paisagem.

Na escala espacial do bairro serão abordados os elementos morfológicos do espaço urbano e que estruturam o bairro dos quais Lamas (2001, p. 79-110) discorre em sua obra “Morfologia urbana e desenho da cidade”. Estes elementos morfológicos do espaço urbano são: o solo, o edifício – o elemento minimo, o lote – a parcela fundiária, o quarteirão, a fachada – o plano marginal, o logradouro, o traçado - a rua, a praça, o monumento, a árvore e a vegetação e o mobiliário urbano.

VEGETAÇÃO

Caracteriza a imagem da cidade, tem individualidade própria, desempenha funções precisas: são elementos de composição e desenho urbano, servem para organizar, delimitar e conter espaços. Situa-se no mesmo nível hierárquico das partes edificadas da cidade.

MONUMENTO

Elemento morfológico singular, individualizado pela sua presença, configuração, posicionamento na cidade e pelo seu significado. Determinante da imagem pública pela sua significação histórica ou cultural e social.

PRAÇA

Distingue-se dos demais espaços pela organização espacial e desenho. Elemento de grande permanência na cidade e reúne a ênfase do desenho urbano como espaço coletivo de importante significado, sendo este um dos atributos que a distingue dos demais vazios da cidade.

**TRACADO RUA**

Elementos mais claramente identificáveis na forma da cidade, em função da importância funcional do deslocamento, percurso e mobilidade. Regula disposição de quarteirões e edifícios. Apresenta relação hierárquica com as escalas da forma urbana.

EDIFÍCIOS

Através destes se constitui o espaço urbano e se organizam os demais espaços identificáveis, como ruas, praças. Espaço urbano depende dos tipos edificadas e suas formas de agrupamento. A forma urbana é produto, resultado e geradora das tipologias edificadas.

TERRENO

A partir da topografia e sua modelação é que se constrói a cidade. É representado também pelos revestimentos e pavimentos, que podem apresentar grandes mudanças e conferem um dos aspectos a imagem da cidade.

LOTE

Princípio essencial da relação entre edifício e solo. Gênese e fundamento do edifício. Separação do público com o privado.

QUARTEIRÃO

Agrega e organiza outros elementos da estrutura urbana como o lote e o edifício, as ruas e o traçado e as relações que se estabelecem com espaços públicos, semi-públicos e privados.

L 11

Figura 62 – Elementos morfológicos do espaço urbano
Fonte: BALDISSERA, 2011

O *solo-pavimento* [grifo nosso] é um elemento de grande importância no espaço urbano, mas também de grande fragilidade e sujeito a contínuas mudanças. É a partir do território existente e da sua topografia que se desenha ou constrói a cidade[...] É a topografia e modelação do terreno, mas são também os revestimentos e pavimentos, os degraus e asseios empedrados, *os lancis* [grifo nosso] , as faixas asfaltadas, *os carris* [grifo nosso] dos elétricos e tantos outros aspectos. (LAMAS, 2001, p.80)

O conjunto é setorizado em seis “unidades”: a unidade 201, a unidade 203, a unidade 205, a unidade 101, a unidade 103 e a unidade 105.

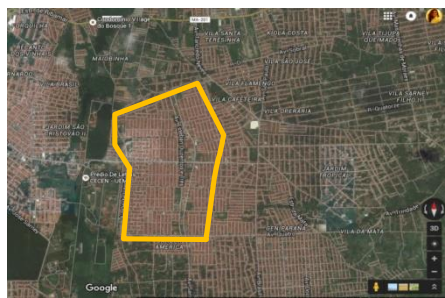


Figura 63 – Delimitação do Bairro
Fonte: Autora(2016) a partir de Google Maps (2011)

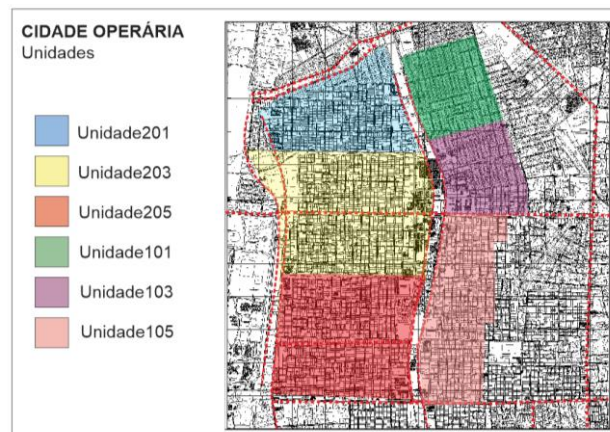


Figura 64 - Setores dos bairros: as unidades
Fonte: Autora (2016) a partir do Mapa Aerofotogramétrico.

Os *edifícios* [grifo nosso] agrupam-se em diferentes tipos, decorrentes da sua função e forma, estabelecendo relações biunívocas e dialéticas com as formas urbanas. (LAMAS, 2001, p. 84).

Com o adensamento populacional, e aumento do tráfego de transporte público nos corredores viários do bairro, intensificou-se a presença de pequenos prédios comerciais com

até quatro pavimentos. As casas estão em constante modificação e se adaptando para atender às necessidades da população.



Figura 65 - Prédios comerciais do bairro
Fonte: Google Streetview (2011)

O *lote* [grifo nosso] não é apenas uma porção cadastral: é também a gênese e fundamento do edificado. O lote é um princípio essencial da relação dos edifícios com o terreno. A urbanização implica parcelamento, quer subdividindo os parcelamentos rurais quer impondo nova divisão cadastral. (LAMAS, 2001, p. 86)



Figura 66 - O Lote
Fonte: Google Streetview

Na cidade tradicional, a relação do edifício com o espaço urbano vai processar-se pela *fachada* [grifo nosso]. Entalado entre duas outras empenas, cada edifício dispõe apenas da *fachada* [grifo nosso] para sua comunicação com o espaço urbano. São as fachadas que vão exprimir as características distributivas (programas, funções, organização), o tipo edificado, as características e linguagens arquitetônicas, o estilo, a expressão estética, a época), em suma, um conjunto de elementos que irão moldar a imagem da cidade. [...] A *fachada* [grifo nosso] é o invólucro visível da massa construída, e é também o cenário que define o espaço urbano. (LAMAS, 2001, p. 95-96).

O *logradouro* [grifo nosso] constitui o espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado, separado do espaço público pelos contínuos. [...] Teve várias utilizações ao longo das épocas, desde a horta ou quintal até à oficina, garagem

ou anexo, ou utilização colectiva em situações mais recentes, em sistema de condomínio. É em noa medida, na utilização do logradouro que se torna possível a evolução das malhas urbanas: densificação, reconstrução, ocupação. O logradouro vai oferecendo solo às modificações e intensificações de usos aconlhendo numerosas actividades que não encontram outro lugar na cidade.



Figura 67 - Perspectiva de casas geminadas na Unidade 205, em um lote de esquina.
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)

O **quarteirão** [grifo nosso] é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de traçados. O sistema do quarteirão é muito antigo. É um processo geométrico elementar, e como tal começou a sua existência. A partir desse processo elementar, foi adquirindo estatuto na produção da cidade, como unidade morfológica. Agrupa subunidades, mas também pode constituir a parte mínima identificável na estrutura urbana. (LAMAS, 2001, p.88) Os quarteirões são definidos como uma forma construída a partir do traçado, é subdivisível em lotes, agrupas subunidades. No conjunto da Cidade Operária, existem alguns padrões de quarteirões, alguns setores onde o tamanho dos quarteirões é menor e possuem pequenas áreas verdes dando a ideia de uma vizinhança mais compacta. Pois cada pequena praça funciona como um ponto de encontro, um lugar para a vivência social.



Figura 68 – Os quarteirões

Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotométrico com fotos do Google Streetview (2011)

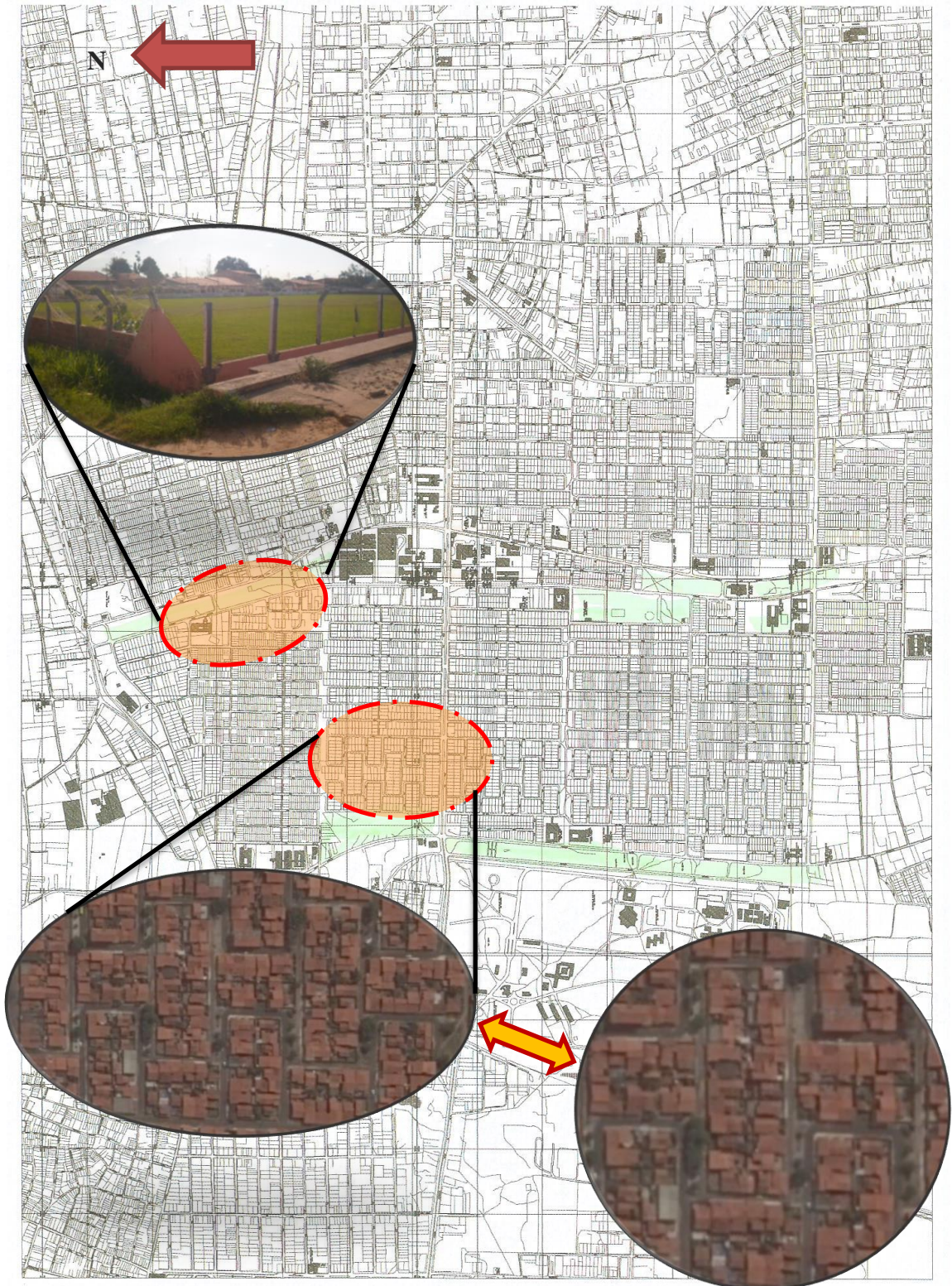


Figura 69 – Setor do Conjunto da Cidade Operária, onde o padrão das quadras é diferente, onde o comprimento das ruas é menor, e o fim das ruas é em uma área verde.

Fonte: Autora (2016) a partir do Mapa Aerofogramétrico, Prefeitura de São Luís, Levantamento feito pela Aerocunsult

O *traçado/a rua* [grifo nosso] é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de a projetar. [...] o traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de a projetar. Diz ainda que o traçado se assenta num suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e partes da cidade, estabelecendo a relação mais direta entre de assentamento entre a cidade e o território. A rua e o traçado são elementos de circulação. Lamas (1993, p. 99-100).

O traçado do bairro consta de uma malha com traçado ortogonal, onde a Av.203 é traçada no sentido leste-oeste e “corta” o bairro ao meio, e as ruas que fazem uma espécie de anel viário o redor do conjunto e captam a circulação de veículos dos bairros limítrofes, são no sentido norte-sul. As vias locais mais longas são no sentido norte-sul.

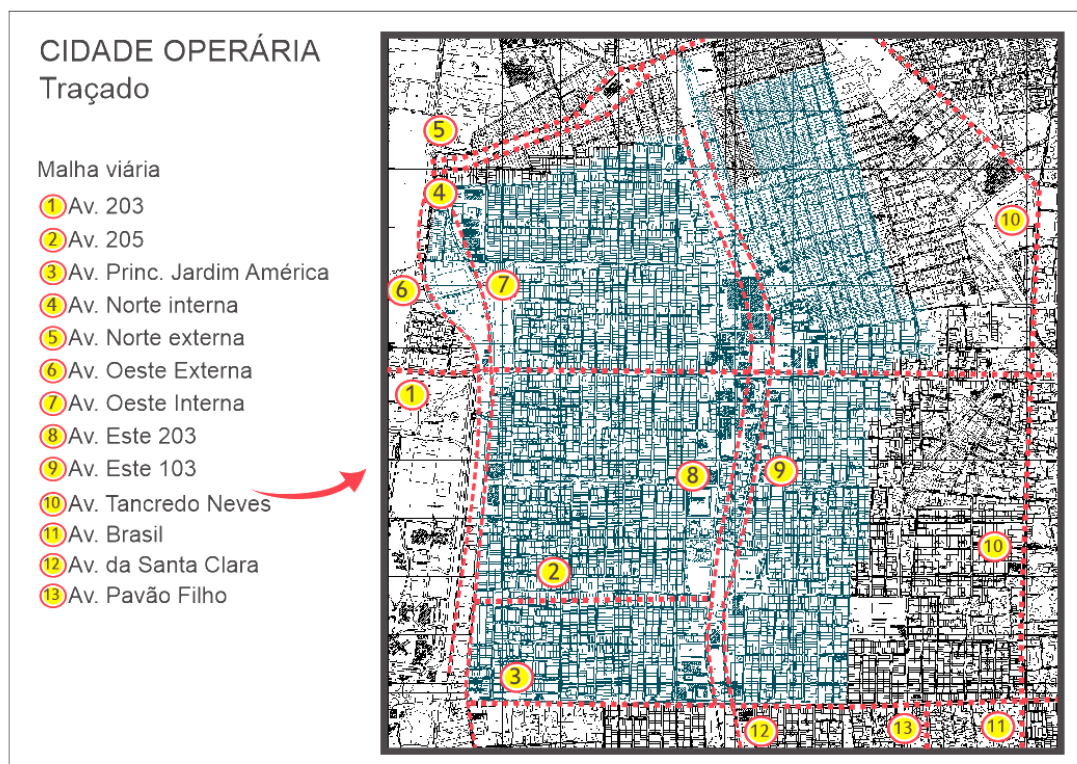


Figura 70 - Traçado do Bairro
Fonte: Autora (2016) a partir do Mapa Aerofotométrico.

Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou ao grande parque urbano, as *estruturas verdes* [grifo nosso] constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade; tem individualidade própria; desempenham funções precisas; são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e

conter espaços. Certamente que a estrutura verde não tem a mesma “dureza” ou permanência que as partes edificadas da cidade. [...] um traçado pode ser definido tanto por um alinhamento de árvores como por um alinhamento de edifícios. Uma praça também. (LAMAS, 2001, p.106). Diz ainda que [...] a *praça* [grifo nosso] é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, das práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas.



Figura 71 – árvores nas praças
Fonte: Autora (2016)



Figura 72 – Áreas verdes
Fonte: Autora (2016)



Figura 73 - Campos de futebol
Fonte: Autora (2016)



Figura 74 - Campos de futebol
Fonte: Autora (2016)



Figura 75 – Praça da Unidade 205
Fonte: Autora (2016)



Figura 76 – Praça da Unidade 205
Fonte: Autora (2016)



Figura 77 – Traçado das ruas em “u”

Fonte: Autora (2016) a partir de Mapa Aerofotogramétrico com fotos do Google Streetview (2011)

Para Fröhlich (2015) o planejamento espacial da cidade tem promovido muito além do que o distanciamento social entre as classes: ele tem fomentado a crise de identidade, a violência e tem fragilizado as garantias de qualidade de vida no espaço urbano. Isso porque ao estimular o desenvolvimento da indústria imobiliária, o Estado tem regulado o uso do solo urbano para a sua máxima ocupação, entendendo a destinação e implantação das áreas verdes como um desperdício de uso do espaço urbano. Neste contexto, os espaços livre que deveriam ser destinados para uso público, acabam por ficarem restritos aos usuários de condomínios e loteamentos fechados uma vez que desta forma isenta o poder público de investimentos em manutenções do lugar e traz benefícios à indústria imobiliária ao agregar valor ao imóvel.” (FRÖHLICH, 2015, p.13).

O Conjunto habitacional Cidade Operaria com um bom percentual de áreas verdes e institucionais, entretanto muitas dessas áreas não são apropriadas pela população. E com o agravante de um problema comum nas áreas periféricas das cidades que é a depredação dos equipamentos públicos e alguns desviados de suas funções.

De acordo com a Legislação Urbanística de São Luís¹⁷ as áreas institucionais são espaços reservados em um parcelamento de solo para a implantação de equipamentos comunitários.

¹⁷ SÃO LUÍS. Legislação Urbanística de São Luís. Lei N° 3.252, de 29 de Dezembro de 1992. Dispõe sobre o Plano Diretor Municipal de São Luís e dá outras providências. Secretaria Municipal de Terras, Habitação e Urbanismo. São Luís: Imprensa Universitária, 1997.

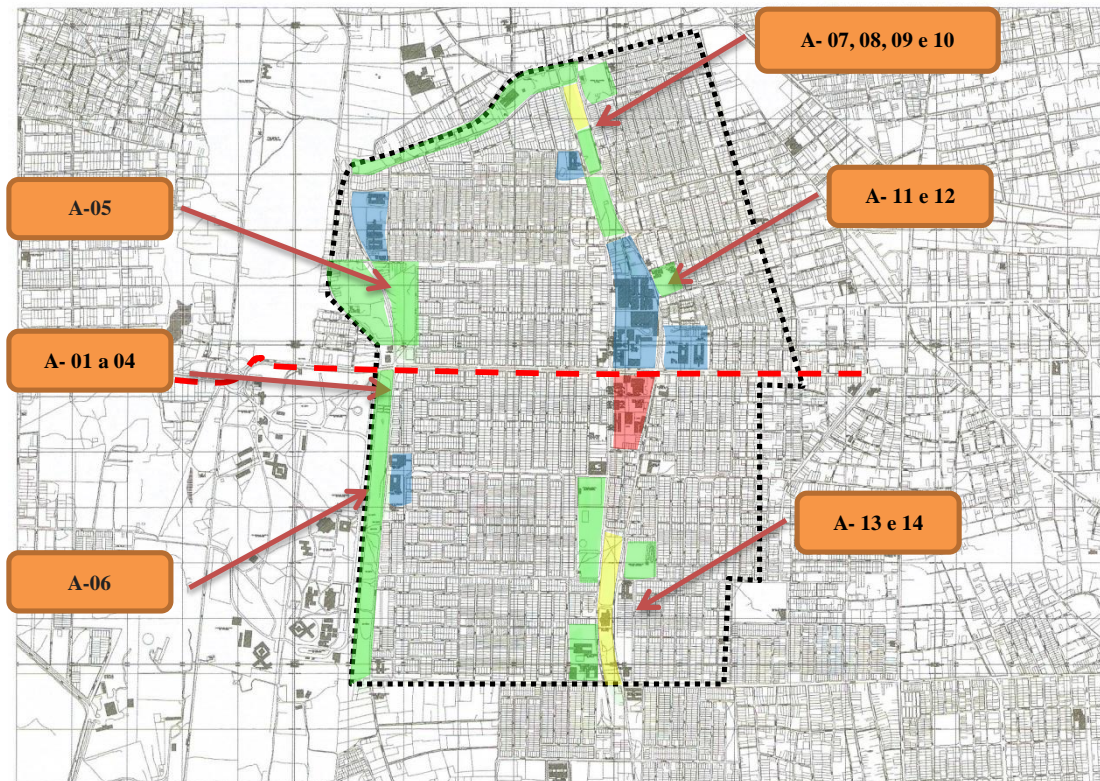


Figura 78 – Áreas Institucionais com equipamentos urbanos ou não edificadas ainda.
 Fonte: Autora (2016) a partir do Mapa Aerofotogramétrico, Prefeitura de São Luís, Levantamento feito pela Aerocunsult

ÁREAS VERDES	
A- 01 a 04	Localizada na lateral do muro da UEMA separado pela avenida oeste externa; nestas foi construído o Residencial Luis Rocha na gestão Tadeu Palácio, a sobra em frente ao Sup. Matheus está sendo construído uma praça, outra parte foi ocupada pelo Presidente da Associação Beneficente Famílias Felizes do Maranhão (ASBAFEM) manifestando o seu uso para projetos da agricultura familiar, e depois tendo as suas funções desviadas para fins comerciais.
A-05	Localizada ao lado da área do IBAMA foi transformada em área comercial e residencial.
A-06	Edificações comerciais: Posto gasolina
A- 07,08,09 e 10	Ocupação casa unidade-201. Área verde 07 av. Arterial norte externa área verde n°8 confrontando com a Rua 201 SO Cidade Operária. Áreas verdes 09 e 10 em frente a Maiobinha Unidade 201.
Área verde n° 11 e 12	Fica localizada em frente a unidade integrada Tancredo Neves e próximo do Horto Mercado. Neste local foi feito um abaixo assinado para pleitear a construção de uma maternidade, um espaço para a Congregação João Calábria, e uma praça.
Área n° 13 e 14	Localizada no entorno da praça do VIVA e U.I Nascimento Morais. Parte desta área foi destinada para construção da U.I Mata ROMA. Tendo outra ocupada para atividades comerciais e posteriormente Igreja Universal. Está programado uma creche para o local.

Tabela 4- Localização e situação das áreas verdes.

Fonte: SILVA (2016) a partir EMARPH

O conjunto dispõe de diversos equipamentos que atendem à população do bairro como também, a população do entorno. Escolas, paróquias, delegacias, postos policiais, hospitais públicos. Ainda possui áreas verdes livres para projetos para a população e praças para serem requalificadas.

O *mobiliário urbano* [grifo nosso] situa-se na dimensão sectorial, na escala da rua, não podendo ser considerado de ordem secundária, dadas as suas implicações na forma e equipamentos da cidade. É também de grande importância para o desenho da cidade e a sua organização, para a qualidade do espaço e comodidade. Durante anos, terá sido descurado em muitos arranjos e intervenções. Também se poderia referir esse conjunto de elementos “parasitários” que nas sociedades de consumo invadem e se colam às estruturas edificadas, como elementos postivos e móveis: anúncios, *montras* [grifo nosso], sinais, *reclamos* [grifo nosso], luzes, iluminações, etc. Hoje voltou de novo à cena profissional, apoiando a requalificação da cidade e acabando por interessar à própria produção industrial. (LAMAS, 2001, p.108)



Figura 79 - Parada de ônibus
Fonte: Google Streetview



Figura 80 – Banco da Praça da unidade 205
Fonte: Google Streetview



Figura 81 – Canteiro tomados de tendas dificultando a mobilidade do pedestre
Fonte: Google Streetview



Figura 82 – Os elementos chamados “parasitários”: placas, anúncios
Fonte: Google Streetview

Existe um marco referencial¹⁸ no bairro, a Caixa d’água, localida na parte central, é visto de vários pontos do bairro que se destaca pela altura e pelas cores e que é muito presente no imaginário dos moradores

¹⁸ Elemento da paisagem urbana citado por Kevin Lynch, de forte impacto visual, servindo como referencial geográfico



Figura 83 – Caixa D'água da Cidade Operária
Fonte: Autora (2016)

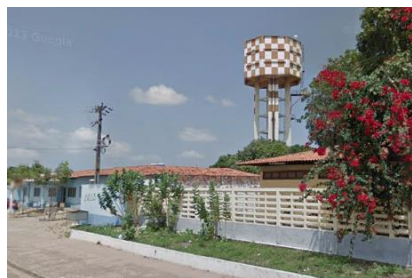


Figura 84 - Caixa D'água da Cidade Operária
Fonte: Google Streetview (2016)

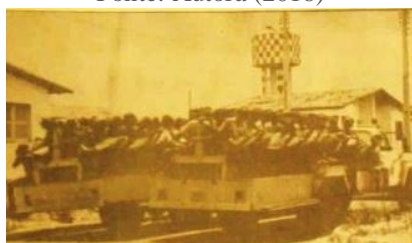


Figura 85 - Caixa D'água da Cidade Operária
Fonte: Jornal O Imparcial de 19 de janeiro de 1987,
p.08. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São
Luís – Maranhão.

Quando se pensa na urbanidade de outras cidades ou países pensa-se no cotidiano, no dia a dia impregnado de signos culturais, no tempo e na forma, nas pessoas, nas particularidades e nas rotinas próprias de cada lugar. A urbanidade é um dos produtos das relações Sociedade X espaço na cidade. No dicionário da língua portuguesa, o Aurélio, urbanidade significa aquilo que é afável, cordial, relativo à cidade, ao urbano.

Exemplificando este conceito, temos a imagem de diversas localidades. A Time Square (figura 109) e o Central Park (figura 110) em Nova York¹⁹ representando uma parte da urbanidade da cidade. De um lado, espaço compartilhado entre pedestres, veículos, prédios e outdoors, e do outro, uma grande área verde que permite diversas atividades. E a cidade de La Paz²⁰ na Bolívia (Figura 111 e 112) e as particularidades urbanas. Em São Paulo, no bairro da liberdade a curiosa urbanidade de um bairro oriental (figura 113 e 114) no espaço urbano produzido no Brasil. Na cidade de Caruaru, em Pernambuco, a apropriação “irregular” do espaço da Feria da Sulanca que funciona a 20 anos, na figura 115. E na figura 116 o tradicional festejo junino nas ruas da cidade de Caruaru. Estas imagem exemplificam urbanidades e mostram a diversas manifestações das relações do homem sobre o território.

¹⁹ Nova York é a cidade mais populosa dos Estados Unidos com cerca de 8,33 milhões de habitantes, à frente de Los Angeles (3,7 milhões em 2010) e Chicago (2,7 milhões em 2010). Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/nova-york-registra-recorde-de-populacao-com-833-milhoes-de-habitantes.html>> Acesso em: 14 de Jun de 2016.

²⁰ La Paz possui cerca de 1,90 milhões de habitantes. Fonte: <http://www.bolivian.com/lapaz/datosgenerales.html> Acesso em: 14 de Jun de 2016.



Figura 86 - Time square em Nova York, a confluência de ruas em um grande largo

Disponível em: <http://www.nyhabitat.com/blog/category/new-york/new-york-travel-guide/new-york-neighborhoods/midtown-west/> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 87 - Central Park, Nova York , a população se apropriando dos espaços públicos.

Disponível em: < <http://www.dicasnewyork.com.br/2016/01/curiosidades-sobre-o-central-park-em-nova-york.html>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 88 – O cotidiano de uma das ruas mais populares de La Paz, na Bolívia, a Calle Sagarnaga.

Disponível em: <<http://www.tiwy.com/pais/bolivia/lapaz/sagarnaga/viewphoto.phtml?sagarnaga14>> Acesso em: 10 de Jun de 2016



Figura 89 – Catedral da Praça de Murillo em La Paz na Bolívia.

Disponível em: <http://www.espacoturismo.com/pontos-turisticos-2/pontos-turisticos-la-paz> Acesso em: 10 de Jun de 2016



Figura 90 - Praça da Liberdade em São Paulo, Brasil

Disponível em: <www.iepha.mg.gov.br> Acesso em: 14 de Jun de 2016.



Figura 91 - Comemoração do ano novo chinês na Praça da Liberdade, em São Paulo.

Disponível em: <http://www.tvgazeta.com.br/hojetem/agenda-cultural/10a-festa-ano-novo-chines-na-praca-da-liberdade/> Acesso em: 14 de Jun de 2016



Figura 92 – A FERIA da Sulanca funciona há mais de 20 anos na região central de Caruaru - PE.

Disponível em: < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2015/09/21/interna_vidaurbana,599212/promotoria-pede-suspensao-imediata-de-transferencia-da-feira-da-sulanca-de-caruaru.shtml> Acesso em: 14 de Jun de 2016



Figura 93 - São João nas ruas de Caruaru, em Pernambuco.

Disponível em: <http://www.passeios.org/festas-tipicas/sao-joao-de-caruaru-2016/> Acesso em: 15 de Jun de 2016.

As relações sociais, culturais ou econômicas que ocorrem sobre o território, o espaço produzido, configura a urbanidade de cada local. Numa mesma cidade ou dentro de um mesmo bairro pode haver representações diversas de urbanidades. O homem e o ambiente interagindo e se modificando mutuamente, pois o homem muda o ambiente e o ambiente muda o homem.

Ao mesmo tempo alguns autores falam de urbanidade como o cotidiano, e sabe-se que o cotidiano nas cidades não é exatamente a imagem que é difundida nos meios de comunicação. Existem várias cidades invisíveis, que se movem, se debatem, que criam suas alternativas, se transformam por conta própria e se reinventam para resistirem ao esquecimento e que buscam permanecer.



Figura 94 – Subúrbios de Paris

Fonte: < <http://www.tiempodehoy.com/mundo/el-problema-de-los-suburbios-de-paris>> Acesso em: 10 de Jun de 2016.



Figura 95- “Homeless” em Nova York

Fonte: <http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2013/04/nova-york-quase-metade-da-populacao.html> Acesso em: 10 de Um de 2016.



Figura 96 - Favela da Rocinha no Rio de Janeiro

Fonte:< http://www.guiadorio.net.br/2014_01_01_archive.html> Acesso em: 10 de Jun de 2016.

A questão da sociabilidade e das pessoas como centro da experiência urbana tem sido modificada na sociedade contemporânea. Jacobs (2000, p. 59) fala que se os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência privada, a cidade não teria serventia.

Na Lei Municipal N° 4669 de 11 de Outubro de 2006²¹ a urbanidade é conceituada como o resultado das relações entre os modos de viver na cidade, a cultura urbana e sua materialidade, ou seja, a forma do espaço urbano. Considera-se que as formas que a cidade assume estão vinculadas a diferentes modos de vida.

“[...] o entendimento de bem-estar humano em espaços urbanos perpassa pela necessária análise dos direitos fundamentais relacionados à qualidade de vida, saúde, dignidade humana, pelo cumprimento de documentos internacionais que ratificam a necessária proteção de novo modelo de desenvolvimento de forma a se realizar desenvolvimento urbano nos moldes propostos pelo princípio lógico constitucional, cuja compreensão leva à necessária adoção de desenvolvimento sustentável nos espaços urbanos.” (DIAS, 2009, p.34)

O cotidiano do bairro foi observado intenso fluxo comercial na avenida e nas ruas de maior fluxo de veículos e de pessoas. A Avenida 203 ou Avenida Principal da Cidade Operária é a continuidade da Avenida Lourenço Vieira da Silva que é um Corredor secundário 4, conforme a Legislação Municipal²².

O bairro é cercado por ocupações irregulares, onde grande parte dessa população conforme dados do INCID (2014), vive com uma renda de até três salários mínimos. Onde crianças e adolescentes vivem a precariedades das insituições de ensino, vulneváveis aos apelos do crime e ao convívio diário com a violência urbana.

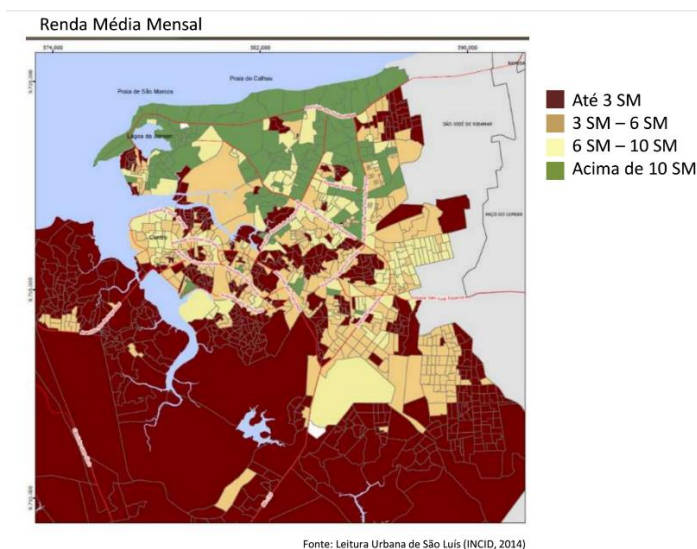


Figura 97- Renda Média Mensal
Fonte: Leitura Urbana de São Luís, INCID, 2014.

²¹ SÃO LUÍS, LEI N° 4.669 DE 11 DE OUTUBRO DE 2006. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de São Luís e dá outras providências. Disponível em: < <http://www.gepfs.ufma.br/legurb/LEI%204669.pdf>> Acesso em: 18 de Mai de 2016.

²² _____, Legislação Urbanística de São Luís. Lei N° 3.252, de 29 de Dezembro de 1992. Dispõe sobre o Plano Diretor Municipal de São Luís e dá outras providências. Secretaria Municipal de Terras, Habitação e Urbanismo. São Luís: Imprensa Universitária, 1997.

Nas ruas onde há fluxo médio e intenso de pedestres e veículos percebe-se a intenção de utilização das praças para caminhadas, esportes e passeios, mas apenas nos horários do começo da manhã e de fim de tarde. Nas regiões do bairro onde há pouca concentração de comércio e pouco fluxo de veículos as áreas verdes são subutilizadas. A insegurança e a violência urbana é um problema geral no país, pela própria forma segregadora como o espaço é produzido. Os crimes dessa região do entorno da cidade operária são registrados na Delegacia de Polícia Civil do bairro. Os crimes ocorridos dentro do bairro, como roubos e furtos, criam uma esfera de insegurança na população, que por sua vez passa a utilizar menos as áreas verdes do bairro tanto pela estrutura urbana precária, como pela alta criminalidade nas ruas. Entre janeiro de 2005 e agosto de 2006, no município de São Luís, foram registradas pelo CIOPS *apud* ROCHA; SOUZA (2009, 838)²³ 15.322 ocorrências de roubo, propiciando uma taxa de 1761,1 ocorrências por 100 mil habitantes. Em 2005 e 2006, os três bairros que apresentaram maiores incidências de roubos foram: Centro com 805 e 603 ocorrências, Cidade Operária com 340 e 285 e São Francisco com 254 e 223 casos.

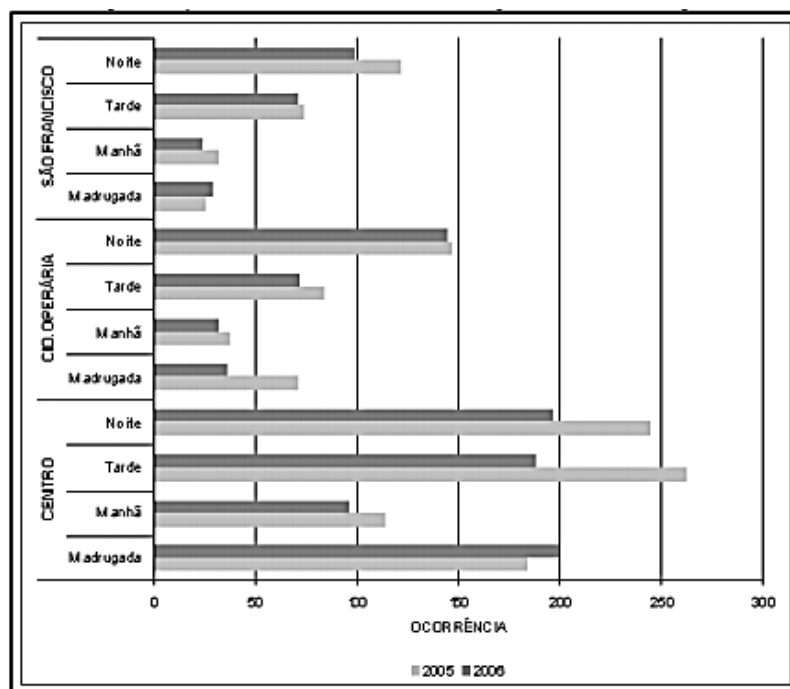


Figura 98 -Variação dos roubos, por turno, nos bairros Cidade Operária, Centro e São Francisco
Fonte: CIOPS *apud* ROCHA; SOUZA (2009, p. 841)

²³ ROCHA, Danieli Lima. SOUSA, Cláudio José da Silva de. **Geografia da criminalidade: análise espaço-temporal dos casos de roubo na área urbana do Município de São Luís – Ma.** Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil, 25-30 de Abril 2009, INPE, p. 835-842. Disponível em: < <http://martel.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.17.21.03.41/doc/835-842.pdf>> Acesso em: 22 de Jun de 2016.

Sobre essa questão da insegurança Jacobs (2000, p. 30) fala em seu livro *Morte e vida das cidades*, sobre a sensação de estranheza que as metrópoles passam aos habitantes devido à quantidade de desconhecidos que nela circulam. Que mesmo morando umas do lado das outras as pessoas continuam desconhecidas, devido ao inúmero número de pessoas numa área geográfica pequena.

A cidade que Olivier Mongin (2009, p.56) entendia era compreendida como um “tecido narrativo vivido no presente, entre o seu espaço e os corpos que a percorrem”. No caso do bairro em estudo neste aspecto de urbanidade verificou-se um baixo grau de apropriação dos espaços urbanos pela população.

3.3 Moradias: folhas de papel em branco

Neste tópico pretende-se mostrar uma forma geral um pouco da transformação das habitações no decorrer do tempo. Mostrar o aspecto que tinham quando foram sorteadas e entregues aos mutuários e como a maioria delas sofreu intervenções das mais diversas formas, algumas com o uso da autoconstrução em mutirões de vizinhança e outras já com alguma racionalidade sugerindo um “rascunho de projeto”. Cada morador vai caracterizando sua moradia conforme as transformações pessoais que acontecem em sua vida.

Observou-se durante a pesquisa que ainda existem casas originais praticamente intactas e algumas até mesmo sem o muro frontal. A diversidade formal nas habitações é imensa. Existem fatores que distinguem as habitações entre as unidades (setores) do bairro. Na unidade 203 e 205 percebe-se a preocupação com a estética das fachadas e utilização de materiais de revestimentos e melhores acabamentos.

Entre os anos de 1940-1970, São Luís abrigou parcela crescente da população migrante do campo, o que fez espalhar-se urbanisticamente, como dito em passagem anterior. Destarte, é entre o final dos anos 60 e por todo o desabrochar da década de setentista que a capital timbireense, nascida em meio à disputa colonialista travada entre gauleses e lusitanos, adquire novo traçado urbano. Suas fronteiras expandem-se, rompendo o bloqueio do corredor limitado pelos rios Bacanga e Anil (Reinaldo Júnior *apud* ALCANTARA JR; SELBACH, 2009, p.77). E possivelmente, uma parcela desse levante populacional foi abrigar-se nesse “novo território” descoberto.



Figura 99 - Moradores reclamam do tamanho das casas.

Fonte: Foto do Jornal O Imparcial de 09 de janeiro de 1987, Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

O objetivo principal da política habitacional que surgiu pós-golpe de 1964 não era diminuir o déficit habitacional. De acordo com Segawa (1999) a diretriz desse plano não era assegurar condições mínimas de habitação. A construção intensiva de unidades habitacionais tinha como pretensão estimular o setor da construção civil e recursos para amenizar o desemprego, por ser uma atividade capaz de absorver mão-de-obra não qualificada nos grandes centros urbanos. Segawa (1999) afirma ainda que:

implementar um setor produtivo e combater o desemprego era a preocupação básica, tendo como subproduto a construção de moradias de ao menor custo possível. Essa condicionante gerou conjuntos habitacionais com padrões de qualidade muito baixos. SEGAWA (1999, p.180)

Mas, independentemente do panorama de motivações, articulações e intenções do Estado diante das questões habitacionais da época, o déficit existia e a demanda, que era composta por trabalhadores, remanescentes do êxodo rural ocasionado pelas crises econômicas da década de 70-80 precisava ser suprida impreterivelmente.



Figura 100 - Imagem do Conjunto da Cidade Operária na época da entrega das unidades habitacionais.

Fonte: <<http://www.omb100.com/saoluis-cidadeoperaria/historia>>



Figura 101 - Casas entregues: população insatisfeita com o tamanho das unidades habitacionais.

Fonte: Jornal O Imparcial de 06 de janeiro de 1987, p.02. Disponível em: Biblioteca Benedito Leite, São Luís – Maranhão.

Nas figuras abaixo observa-se alguns modelos das habitações que permaneceram praticamente inalteradas desde a entrega das casas em 1986. Percebe-se nas figuras os afastamentos frontais e laterais, as casas de centro de lote (Figuras 34, 35, 36,37,38,39 e 41) e as casas geminadas (Figura 42 e 43).



Figura 102 – Na rua 03 da unidade 103, casas no modelo da época da inauguração do conjunto, sem reformar e sem muro mostrando ainda os afastamentos frontais e laterais.

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 103 - Na rua 03 da unidade 103, casas no modelo da época da inauguração do conjunto, sem reformar e sem muro

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 104 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 105 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)

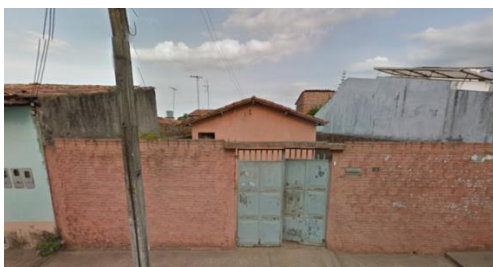


Figura 106 - Na rua 03 da unidade 103, casa do conjunto sem ampliação, apenas murada.

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 107 - Na rua 01 da unidade 203, casa original e sem muro, aspecto abandonado

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 108 - Na rua 01 da unidade 203, duas habitações no modelo antigo, murada. A da esquerda, com material de construção na calçada para uma possível obra.

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 109 - Casa na Rua 05 da unidade 203: Casa original e sem muro frontal

Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 110 - Vista frontal de casas geminadas na Unidade 205
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 111 - Vista lateral de casas geminadas na Unidade 205
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)

Nas fotos seguintes observa-se as modificações feitas pelos moradores, as ampliações feitas de acordo com as condições financeiras, com a melhoria da renda familiar, pois a geração que chegou ainda criança no bairro hoje já trabalha e contribui com os gastos familiares. Um fato recorrente em bairros da periferia é que moram dentro de um lote às vezes duas ou até três famílias (pais, filhos e netos).



Figura 112- Na rua 03 da Unidade 203, casa de dois pavimentos, telhados com várias águas, muro verde, paisagismo. Do lado esquerdo uma das áreas verdes da malha urbana do conjunto.
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 113 - Na rua 07 da unidade 203 do lado esquerdo, uma casa geminada original, mostrando os afastamentos frontais e laterais e ainda sem muros. Do lado direito, uma casa de alvenaria num lote de canto com formas e cores mais elaboradas.
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 114 - Rua 01, na unidade 203
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 115 - Na rua 01 da unidade 203
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 116 - Rua 04 da unidade 205
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 117 – Rua 04 da unidade 205
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 118 – Várias casas de dois pavimentos, onde a área construída ocupa todos os recuos frontais e laterais.
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)



Figura 119 - Na rua 10 da unidade 203, exemplo dos acabamentos nas fachadas
Fonte: Google Streetview (nov. 2011)

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de migração rural ocorrido na década de 60 motivado não somente pelas precárias condições de vida no interior, possivelmente relacionada à demanda de mão de obra nos grandes empreendimentos como a instalação de mineradoras, a construção civil na execução de novas vias e ampliação do sistema viário, a construção de novos conjuntos e loteamentos financiados pelas Cooperativas Habitacionais, atraiu a população do campo gerando um adensamento no núcleo original da cidade e um déficit habitacional. O processo de descentralização que foi desencadeado a partir das políticas habitacionais do BNH trouxe uma nova configuração social, econômica e espacial para a cidade. Os vazios urbanos existentes entre o Centro da cidade e as futuras centralidades que viriam a surgir, foram preenchidos das mais variadas formas, ordenadas ou desordenadas, projetadas ou espontâneas.

No caso, do Bairro da Cidade Operária e seu histórico de conflitos e disputas por espaço, o adensamento criado ao redor de sua infraestrutura criou uma cidade paralela que devido ao seu isolamento no início de sua construção foi criando meios de suprir a necessidade de sua população. O ambiente urbano aqui estudado revela-se múltiplo, adaptável, capaz de se reinventar dentro de sua “micro lógica”, dentro da sua micro escala, um processo que caminha em paralelo à ordem estabelecida, mesmo sendo submetido constantemente à lógica que impera e que norteia os processos de reprodução do espaço. A organização do espaço, vista pela ótica da acumulação do capital explicada na teoria de Marx, seria a manifestação do “reflexo” das relações de produção e das lutas das classes sociais. Buscou-se compreender um pouco da dinâmica econômica e espacial na microescala do Conjunto Habitacional da Cidade Operária, a interação intra bairro a partir dos elementos morfológicos do espaço urbano e a relação com o seu entorno.

E verificou-se que no espaço temporal de quase 30 anos o bairro tornou-se o centro de sua região devido à sua localização geográfica, como um núcleo de prestação de serviços e comércio. Restaurantes, padarias, clínicas dentárias, cursos profissionalizantes, franquias de lanchonetes, lojas de moveis, roupas, laboratórios de exames, grandes redes de supermercados concentrados, principalmente nas vias onde os fluxos do transporte público passam. Notou-se que na Avenida Principal da 203 e nas coletoras a construção de pequenos edifícios comerciais com gabarito de até quatro pavimentos ao longo da avenida, substituindo as casas com um pavimento. Essa transformação possivelmente será uma tendência, visto que o mercado consumidor dessa região tem aumentado progressivamente.

O potencial comercial da área se dá também pela condição de bairro de “passagem” visto que, treze linhas de ônibus de diversos bairros do entorno passam por dentro do conjunto e muito desses ônibus entram no terminal de integração do bairro do Jardim São Cristóvão para conexões com novos destinos da cidade. A concentração de serviços e comércios, cultura e as movimentações inerentes ao cotidiano urbano das cidades, gera uma relação dialética onde o fluxo intenso dessas atividades gera adensamento, e o adensamento alimenta a permanência e a criação dessas atividades.

Verificou-se durante a pesquisa que ainda existem casas originais praticamente intactas e algumas até mesmo sem o muro frontal. A diversidade formal nas habitações é imensa. Existem fatores que distinguem as habitações entre as unidades (setores) do bairro. Na unidade 203 e 205 percebe-se a preocupação com a estética das fachadas e utilização de materiais de revestimentos e melhores acabamentos. Essas alterações denunciam o aumento da renda dos moradores com o passar dos anos e como consequência não somente o aumento físico das moradias como também a melhoria dos materiais de acabamento. Observou-se as modificações feitas pelos moradores, as ampliações feitas de acordo com as condições financeiras, com a melhoria da renda familiar, pois a geração que chegou ainda criança no bairro hoje já trabalha e contribui com os gastos familiares. Um fato recorrente em bairros da periferia é que moram dentro de um lote às vezes duas ou até três famílias (pais, filhos e netos).

Hoje, os muros levantados no bairro criam imensas quadras onde a sensação de insegurança aumenta, e as pessoas sentem-se mais seguras fazendo seus percursos dentro do bairro utilizando seu veículos, e conseqüentemente menos pessoas nas ruas. Jacobs (2000, p.37) diz que a segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança exatamente quando as pessoas utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de maneira geral, de que estão policiando.

É localizado ao lado da Universidade Estadual do Maranhão e com uma concentração de equipamentos urbanos na área da educação com mais de 10 escolas da rede pública localizadas nas arestas do bairro, que atendem ao bairro e ao entorno imediato. Existem ainda três grandes hospitais: o Socorrão II, um hospital de emergência que atende à toda a região metropolitana, a UPA e o Hospital do Servidor.

Diante do objetivo proposto por esta pesquisa verificou-se a relação “espaço e sociedade” como uma relação dialética, de influência mútua, onde torna-se compreensível a lógica como o capital se relaciona com a sociedade e o espaço transformando a natureza e/ou o ambiente construído. O bairro pôde exemplificar a segregação espacial decorrente da forma

desigual como o espaço é reproduzido. Um local de cuja origem emanam manifestações conflituosas e disputa pelo espaço. E esses conflitos que convergem para o território seriam causados pela lógica como o capital se reproduz.

Conclui-se também, que apesar da grande circulação de pessoas nas ruas principais, a não apropriação dos espaços públicos gera há um esvaziamento das áreas destinadas ao lazer, que, por sua vez, por causa da precariedade dessas estruturas não exerce poder de atração sobre a população. Quanto menos pessoas circunlado, maior a insegurança. Por isso, a requalificação urbana da área, juntamente com políticas públicas na área de educação e segurança poderiam tornar a urbanidade do bairro mais agradável, e como parte da cidade que é, o bairro pudesse cumprir sua função social como é conceituada no PD Municipal, ou seja, que assegure as condições gerais de desenvolvimento da produção, do comércio e dos serviços e, particularmente, para a plena realização dos direitos dos cidadãos, como o direito à saúde, ao saneamento básico, à infra estrutura urbana, à educação, ao trabalho e à moradia, ao transporte coletivo, à segurança, à informação, ao lazer, ao ambiente saudável e à participação no planejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA JR, José O.; SELBACH, Jeferson Francisco (orgs). **Mobilidade Urbana em São Luís**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 116p. il.

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Trad. Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BARBOSA, Érica Garreto Ramos, ESPÍRITO SANTO, José Marcelo do, TRINTA, Patrícia (org.) **Leitura Urbana: São Luís. Prefeitura de São Luís / Instituto da Cidade**, 2014.

BESSA , Kelly. **Estudos sobre a rede urbana: os precursores da teoria das localidades centrais**. GeoTextos, vol. 8, n. 1, p. 147-165, jul. 2012. kellybessa@uft.edu.br . Acesso em: 14 de Mai de 2016. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/6222/4382>>

BRANDÃO, Carlos. **Desenvolvimento, Territórios e Escalas Espaciais: levar na devida conta as contribuições da economia política e da geografia crítica para construir a abordagem interdisciplinar** In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco e MILANI, Carlos R. S. (orgs.) (2008). “Compreendendo a complexidade sócioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar”. Salvador, Editora da UFBA. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper42.pdf>> Acesso em: 10 de Mai. de 2016

BRANDÃO, Carlos. **Território & desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2007.

BRANDÃO, Carlos. **Territórios com Classes Sociais, Conflitos, Decisão e Poder** In: ORTEGA, A. C.; ALMEIDA F., N. A. (organizadores) (2007). Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária. Campinas, Editora Alínea, 2007. (ISBN 85-75161920). Disponível em:< <http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper37.pdf>> Acesso em: 10 de Mai. de 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI No 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001**. Regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm> Acesso em: 26 de Ago. de 2015.

BURNETT, F. L. **Uso do solo e ocupação na região metropolitana de São Luís: dinâmica econômica e realidade socioambiental dos Municípios de São Luís e São José de Ribamar**. São Luís: Setagraf, 2012.

_____. **Da cidade unitária à metrópole fragmentada: crítica à constituição da São Luís moderna** In LIMA, A. J. Cidades Brasileiras: Atores, Processos e Gestão Pública. Belo Horizonte: Autentica, 2007, p. 173-197.

_____. **Urbanização e Desenvolvimento Sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização em São Luís do Maranhão**. São Luís: UEMA, 2008.

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos. O que os cidadãos brasileiros devem fazer para a humanização das cidades no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

CORRÊA, R.L. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática S.A. 1989.

CORREA, Marcele de Jesus. **Análise geoespacial da Cidade Operária: a dinâmica de ocupação como um dos eixos de expansão urbana do município de São Luís – MA.** RBPD – Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento, v. 2, n. 2, p. 69-79, jul./dez. 2013.

DIAS, Daniella S. **Desenvolvimento Urbano: princípios constitucionais.** 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

DIAS, Luiz Jorge Bezerra da Silva. **Cidade Operária e área de entorno imediato: dinâmicas espacial e socioambiental.** 2004. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia Bacharelado). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

DIAS, Luiz Jorge Bezerra da Silva; FERREIRA, Antônio José de Araújo. **Problemas ambientais na Cidade Operária e área de entorno imediato.** Ciências Humanas em Revista, São Luís, v. 2, n. 1, p. 193-208. Jan./jun.2004.

DINIZ, C. R. **Metodologia científica: O método dialético e suas possibilidades reflexivas.** Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia_cientifica/Mez_Cie_A05_M_WEB_310708.pdf. Acesso em 13/12/2014.

FRÖHLICH, Camila Pohl. **Loteamentos e condomínios fechados na cidade média de santa cruz do sul-rs: uma análise sobre a constituição das áreas verdes.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2015.

FREITAS, Eduardo de. **A industrialização brasileira.** 2013. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/geografia>>. Acesso em: 14 dez.

GOMES, Antônio Marcos; SANT'ANA JÚNIOR. **A questão ambiental numa indústria de alumínio.** In: SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes et al (Org.). **Écos dos conflitos socioambientais: a RESEX de Tauá-Mirim.** São Luís. EDUFMA, 2009.

GONÇALVEZ, Eduardo. **No Maranhão, Petrobras deixa esqueleto de uma 'quase' Pasadena.** 17/05/2015 Fonte: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/no-maranhao-petrobras-deixa-esqueleto-de-uma-quase-pasadena>> Acesso em: 02 de Jun de 2016.

HOLANDA, Frederico de. **Arquitetura & urbanidade.** São Paulo: Pro Editores Associados Ltda., 2003.

JORGE, Maria do Carmo Oliveira. **Geomorfologia urbana: conceitos, metodologias e teorias.** In: GUERRA, Antônio José Teixeira (Org.). **Geomorfologia urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 117-145.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1993.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos**. UFPE, 2009.

LOPES, José Antônio Viana (Org.). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de arquitetura e paisagem**. Sevilha: Editora Bilingue, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: Ciência e conhecimento científico. Métodos científicos. Teoria, hipóteses e variáveis. Metodologia jurídica**. São Paulo. Editora: Atlas 6ª ed. 2007.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

MUELLER, C.C. **Crescimento, Desenvolvimento e Meio Ambiente** (pág. 30-78) In Os Economistas e as Relações entre o Sistema Econômico e o Meio Ambiente. Brasília: FINANTEC-UNB, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. **Lei nº 3.252, de 29 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre a instituição do Plano Diretor do município de São Luís, e dá outras providências.

ROCHA, Danieli Lima. SOUSA, Cláudio José da Silva de. **Geografia da criminalidade: análise espaço-temporal dos casos de roubo na área urbana do Município de São Luís – Ma**. Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil, 25-30 de Abril 2009, INPE, p. 835-842. Disponível em: <
<http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.17.21.03.41/doc/835-842.pdf>>
Acesso em: 22 de Jun de 2016.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

RUBIN, Graziela Rossato. **Movimento Moderno e habitação social no Brasil**. Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, mai./ ago. 2013. ISSN 2236-4994. Disponível em: <
<http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper42.pdf>> Acesso em: 06 de Mai de 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Território e Dinheiro**. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. *Território, Territórios*. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p.17 – 38.

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SÃO LUÍS. **RELATÓRIO Nº 20 - MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS-MA**. Avaliação lei nº 4669/2006 rede de avaliação e capacitação para implementação dos Planos diretores participativos. 2009.

_____. Prefeitura Municipal. **Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade**. São Luís: uma Leitura da Cidade. São Luís, 2006

_____. **LEI Nº 4.669 DE 11 DE OUTUBRO DE 2006**. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de São Luís e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.gepfs.ufma.br/legurb/LEI%204669.pdf>> Acesso em: 18 de Mai de 2016.

_____. **Legislação Urbanística de São Luís. Lei Nº 3.252, de 29 de Dezembro de 1992. Dispõe sobre o Plano Diretor Municipal de São Luís e dá outras providências**. Secretaria Municipal de Terras, Habitação e Urbanismo. São Luís: Imprensa Universitária, 1997.

_____. **Legislação Urbanística de São Luís. Lei Nº 3.253, de 29 de Dezembro de 1992. Dispõe sobre o zoneamento, parcelamento, uso e ocupação do solo urbano e dá outras providências**. Secretaria Municipal de Terras, Habitação e Urbanismo. São Luís: Imprensa Universitária, 1997.

_____. **Plano Diretor Municipal de São Luís**. Secretaria de Planejamento do Governo do Estado do Maranhão. Institui o Plano Diretor de desenvolvimento social e urbano do município e estabelece diretrizes para as leis complementares. São Luís: SIOGE, 1977.

_____. **Plano de Expansão da Cidade de São Luís**. Departamento de Estradas e Rodagens do Estado do Maranhão. Eng. Ruy Ribeiro Mesquita. São Luís: 1958.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990/ Hugo Segawa**. 2. ed – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SERRA, Geraldo. **Urbanização e centralismo autoritário**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

SINGER, Paul. **A economia política da urbanização**. São Paulo: Conlacto, 1998. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/saberes/wp-content/uploads/ECONOMIA-POLITICA-DA-URBANIZA%C3%87AO.pdf>> Acesso em: 20 de Abr de 2016.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

SOUSA, Bruno Leonardo Maciel de. Sousa, Bruno Leonardo Maciel de (2013). «**Transporte Coletivo Público na cidade de São Luís - MA: Comparações e pós-implantação do SIT - Sistema Integrado de Transportes**». São Carlos: UFSCAR, 2013, 112f. Disponível em: <http://www.bdtd.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6204> Acesso em: 15 de Mai de 2016.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O ABC do urbanismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento** (pág. 77 – 116) In CASTRO, Iná et al (Orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SUZIGAN, Wilson. **Estado e Industrialização no Brasil**. Revista de Economia Política, vol.8, nº4, outubro-dezembro/1988. Acesso em: 12 de Abr. 2016. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/32-1.pdf>>

VASCONCELLOS, Lélia Mendes de. **Mutações urbanas: construindo e reconstruindo centralidades: um olhar sobre a cidade do Rio de Janeiro**. In: OLIVEIRA, L. A. de; SILVA, G. P. A. e; ROSSETTO, A. M. (Orgs.) **Arquitetura da cidade contemporânea: centralidade, estrutura e políticas públicas**. Itajaí: UNIVALI, 2011. p. 47-69

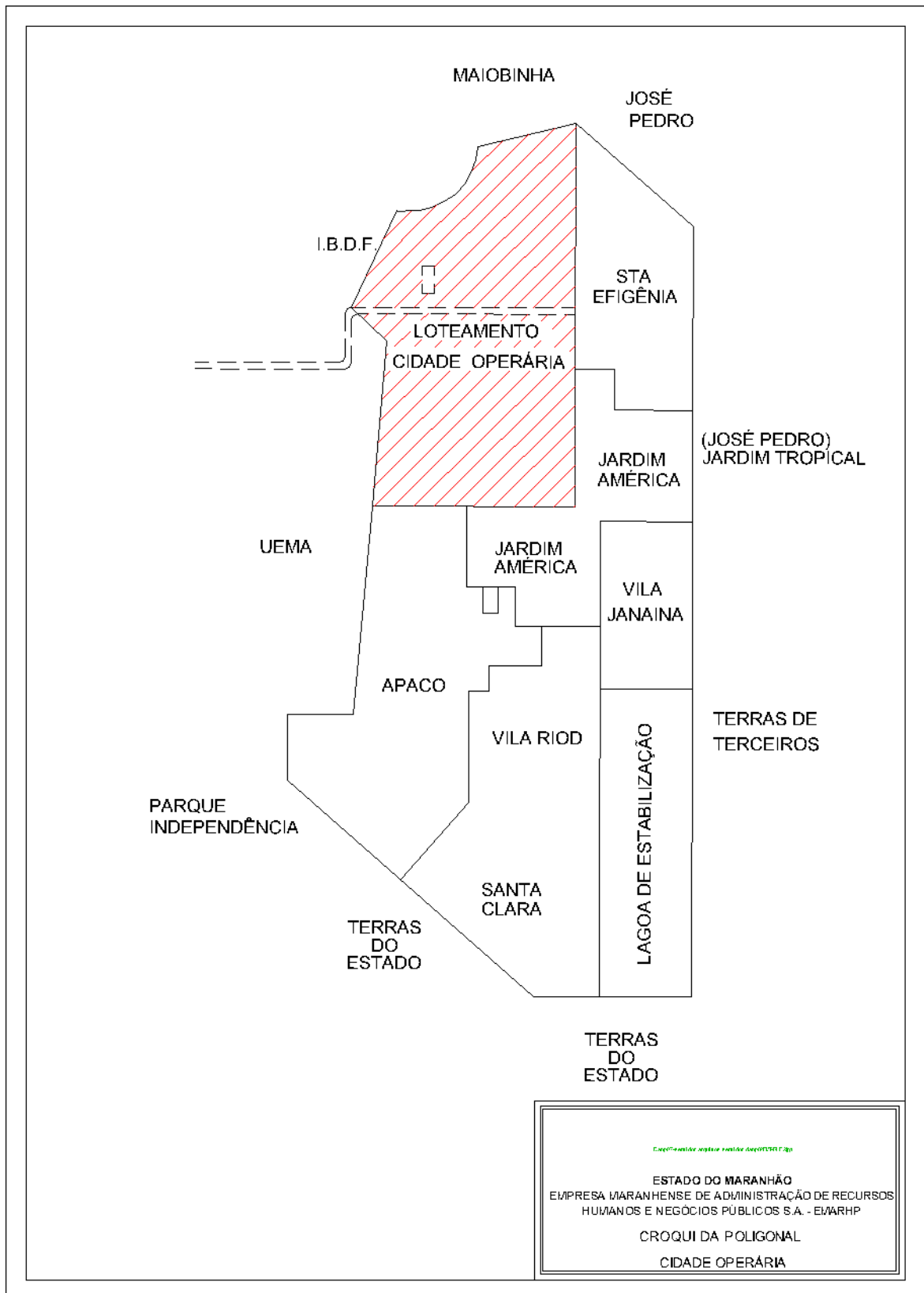
VASCONCELOS, Paulo Eduardo Silva de. **Habitação Social em São Luís do Maranhão: um estudo sobre a produção de habitação dos institutos de previdência e do banco nacional da habitação**. 2007. 107f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo Bacharelado). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2007.

Vasconcelos, Paulo Eduardo Silva de. **Política habitacional do Estado autoritário em São Luis (1964-1985)**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Desenvolvimento Sócio Espacial e Regional, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís. 2014.

VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. 2004. P.32f. Monografia (Arquitetura e Urbanismo) – USP. Acesso em: 16 de mai. 2016. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/mono_Monica.pdf>

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001.

ANEXOS



ANEXO 1 - Croqui da Poligonal do Bairro
Fonte: EMARHP (2015)

MACROZONEAMENTO URBANO DE SÃO LUÍS			
ÁREAS EM CONSOLIDAÇÃO - 2			
CARACTERÍSTICAS	OBJETIVOS	INSTRUMENTOS	BAIRROS
<ul style="list-style-type: none"> - São áreas com boa infraestrutura e certo grau de urbanização, mas que requerem qualificação urbanística; - São áreas com grande potencial para o adensamento e para a verticalização. - São áreas habitadas tanto por população de baixa renda e baixo nível de escolaridade, quanto por população de renda média e alta e bom nível de escolaridade. - Apresentam condições favoráveis à atração de investimentos imobiliários privados; 	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a ocupação com a promoção imobiliária e de Habitação de Mercado Popular ou de Interesse Social; - Criar empregos no setor de serviços. - Complementação do tecido urbano, aproveitamento do potencial paisagístico e cumprimento da função social da propriedade; 	<ul style="list-style-type: none"> - Outorga onerosa com valor mais baixo; - Direito de preempção; - Parcelamento, edificações e utilização compulsórios; - IPTU progressivo; - Desapropriação com pagamentos em títulos da dívida pública; - Projeto de urbanização local; - Usucapião especial de imóvel urbano e - Concessão do direito real de uso; - Contribuição de melhoria. 	<p>Ipem São Cristóvão, Conj. Penalva, Conj. São Carlos, Conj. Juçara, Ilha Bela, Jardim São Cristóvão, Cohapam, Jardim São Cristóvão II, Cidade Operária, Parque Universitário, Residencial Turquesa, Parque Sabiá, Planalto Anil, Forquilha, Parque Aurora, Jardim das Margaridas, Parque Aurora, Planalto Anil I, Planalto Anil II, Planalto Anil III, parte do Bequimão, parte do Angelim, Ipem Turu, Turu, Santa Rosa, Chácara Brasil, Vivendas do Turu, Jardim Atlântico, Jardim Eldorado, parte de Cohama, Vila Fialho, Jardim das Oliveiras, parte do Olho D'Água, Coelho Neto, Parque Atenas, Vinhais V, Planalto Calhau, Planalto Vinhais II, Residencial Planalto Vinhais I, Vinhais II, Quitandinha, Vinhais I, Vinhais III, Vinhais IV, Loteamento Vinhais, Residencial Vinhais III, Parque Ângela, Vila 25 de Maio, Conjunto dos Ipês, Recanto dos Vinhais, Boa Morada, parte do Belo Horizonte, Recanto dos Nobres, parte de Calhau, parte do Olho D'Água, Parque Timbira, Parques dos Nobres, Pindorama, parte do Vinhais Velho.</p>

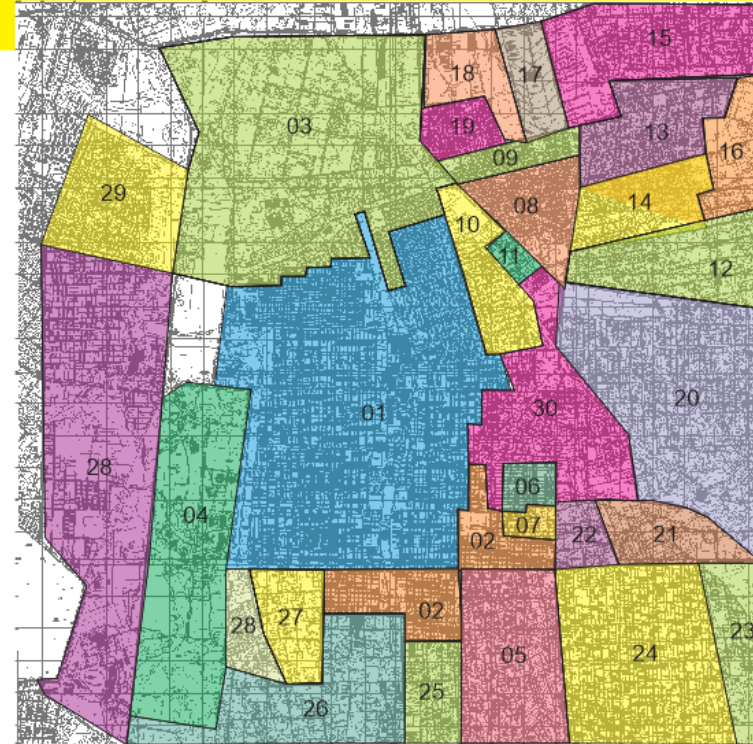
Fonte: Lei Nº 4.669 de 11 de Outubro de 2006

ANEXO 02 – Macrozoneamento Urbano de São Luís
 Fonte: Lei Nº 4.669 de 11 de outubro de 2006.

CIDADE OPERÁRIA

Bairros do entorno

- 01 - Cidade Operária
- 02 - Jardim América
- 03 - Maiobinha
- 04 - UEMA
- 05 - Janaina
- 06 - Recanto dos Pássaros
- 07 - Vila América
- 08 - Vila Flamengo
- 09 - Vila Cafeteira
- 10 - Recanto dos Signos
- 11 - Jardim Lisboa
- 12 - J. Lima
- 13 - Vila Operária
- 14 - Vila São Luís
- 15 - vila Kiola
- 16 - Tijupá Queimado
- 17 - Jardim da Paz
- 18 - Recanto da Paz
- 19 - Vila Santa Teresinha
- 20 - Jardim Tropical
- 21 - Residencial Geniparana
- 22 - Vila Geniparana
- 23 - Residencial JoséReinaldo tavares
- 24 - Cidade Olímpica
- 25 - Vila Riod
- 26 - Santa Clara
- 27 - Vila Apaco
- 28 - Jardim S. Cristóvão II
- 29 - Vila Brasil
- 30 - Santa Efigênia

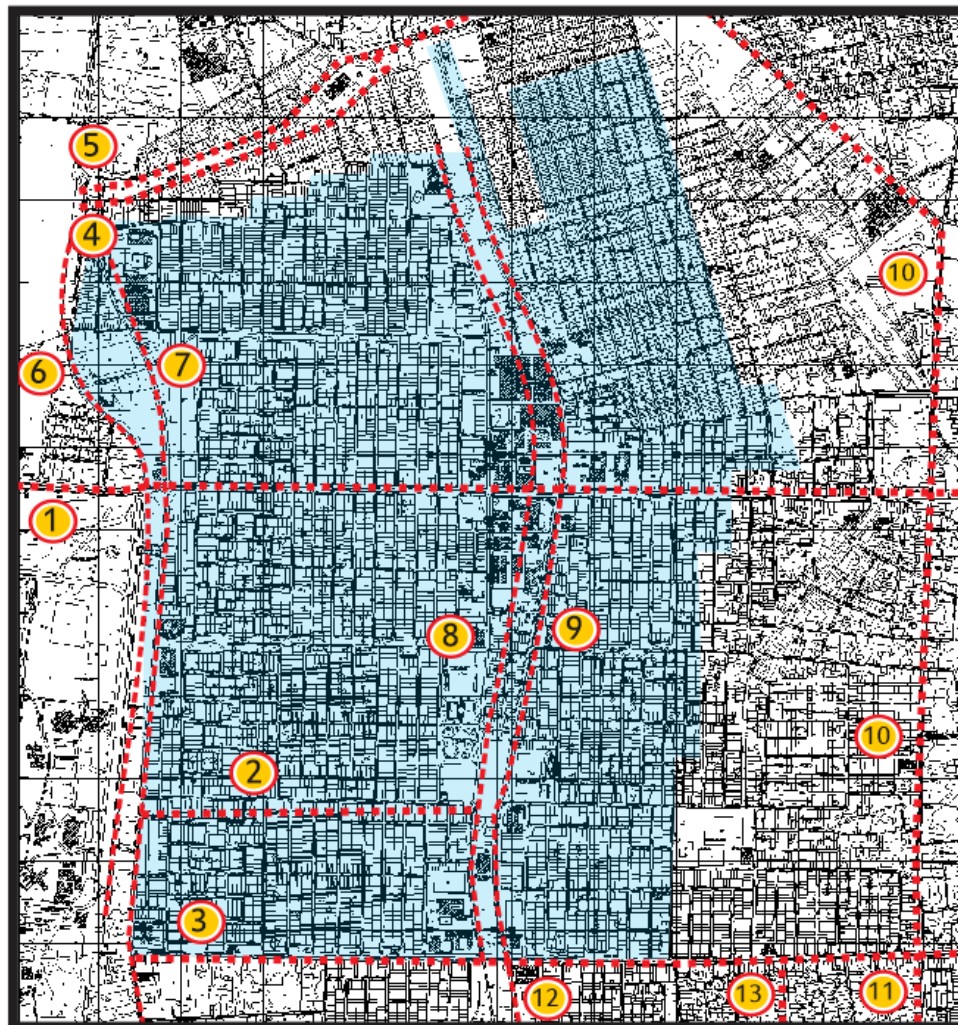


ANEXO 03 – Bairros do entorno
Fonte: Autora, 2016.

CIDADE OPERÁRIA

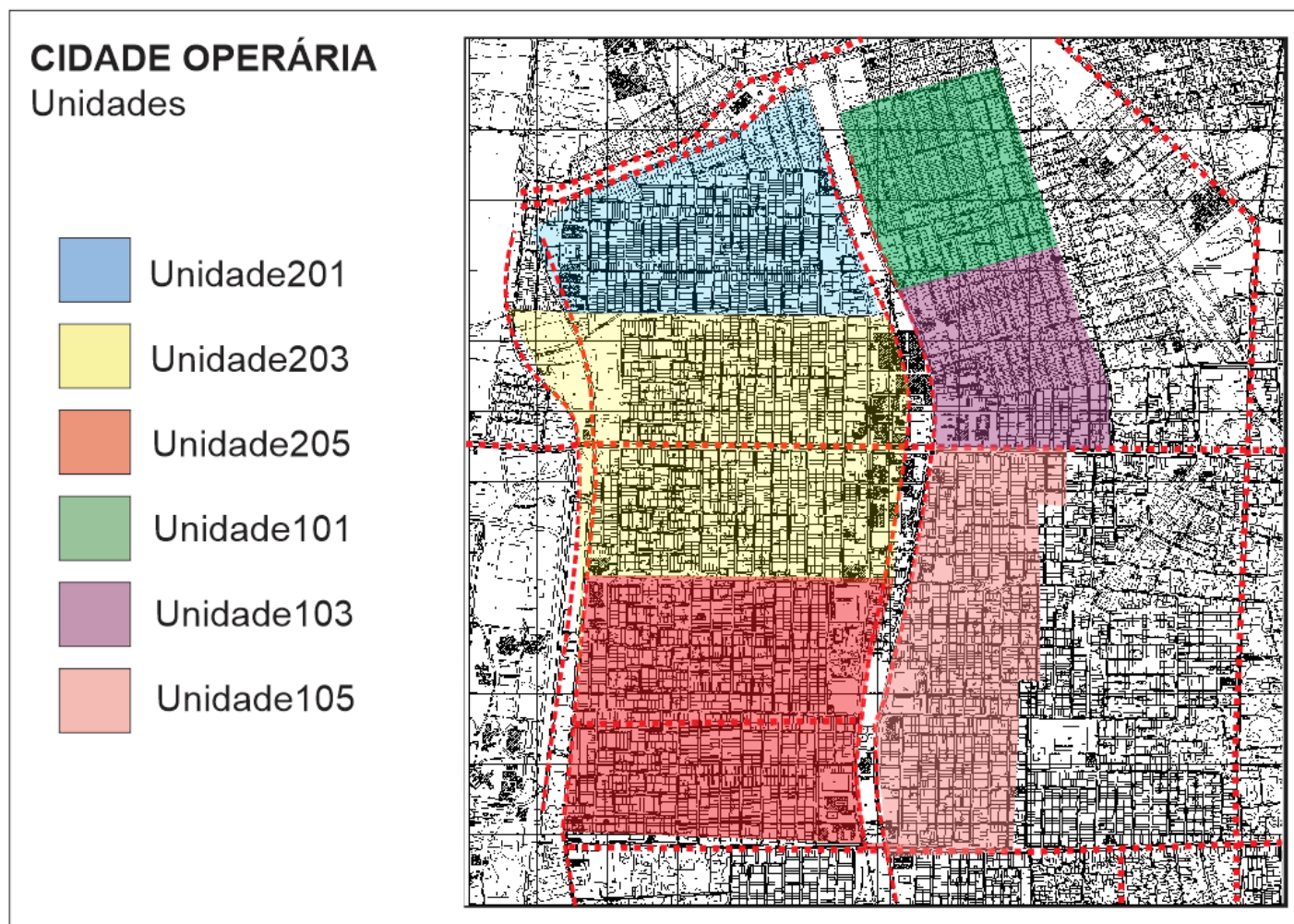
Malha viária

- ① Av. 203
- ② Av. 205
- ③ Av. Princ. Jardim América
- ④ Av. Norte interna
- ⑤ Av. Norte externa
- ⑥ Av. Oeste Externa
- ⑦ Av. Oeste Interna
- ⑧ Av. Este 203
- ⑨ Av. Este 103
- ⑩ Av. Tancredo Neves
- ⑪ Av. Brasil
- ⑫ Av. da Santa Clara
- ⑬ Av. Pavão Filho

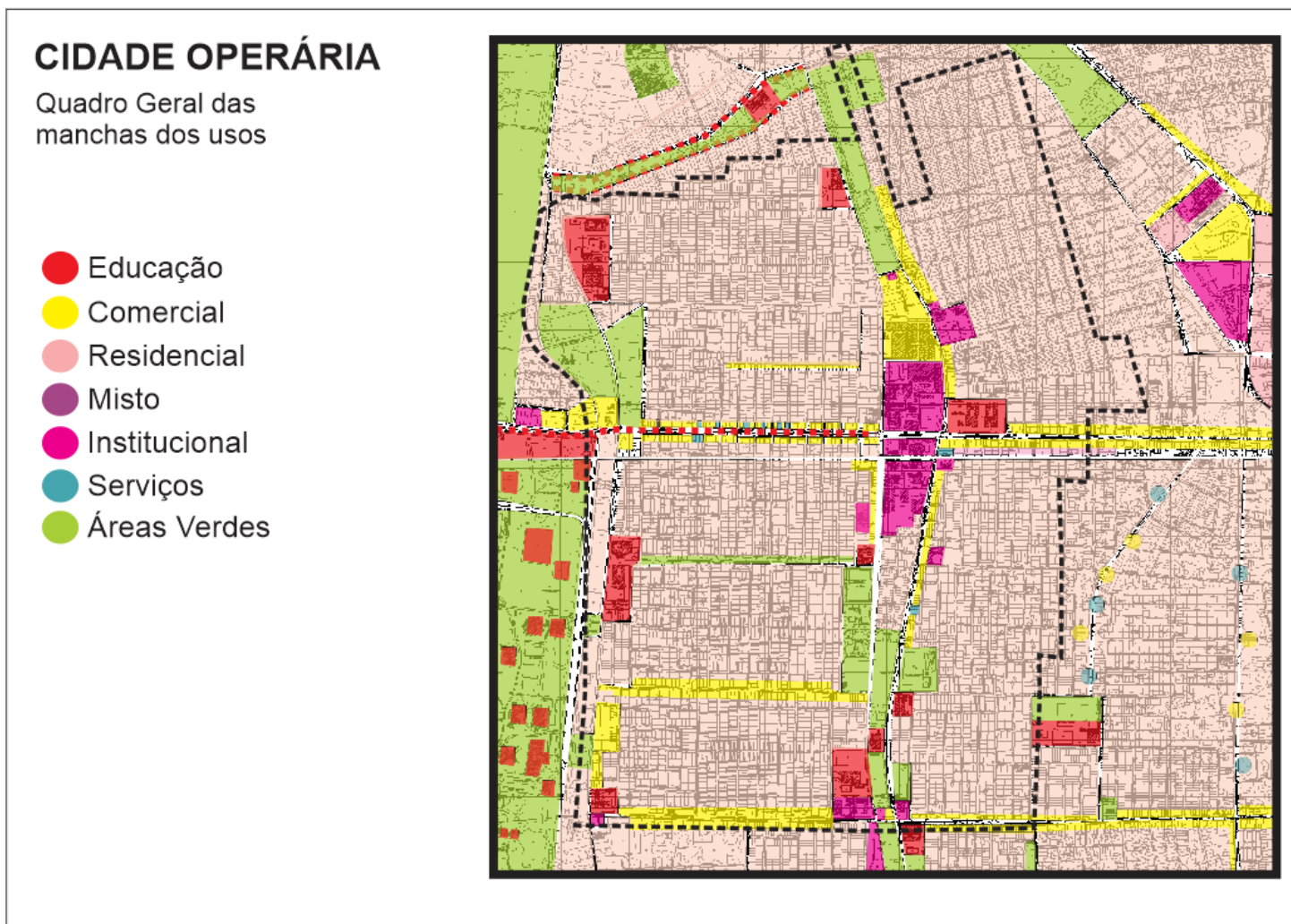


ANEXO 04 – Malha viária

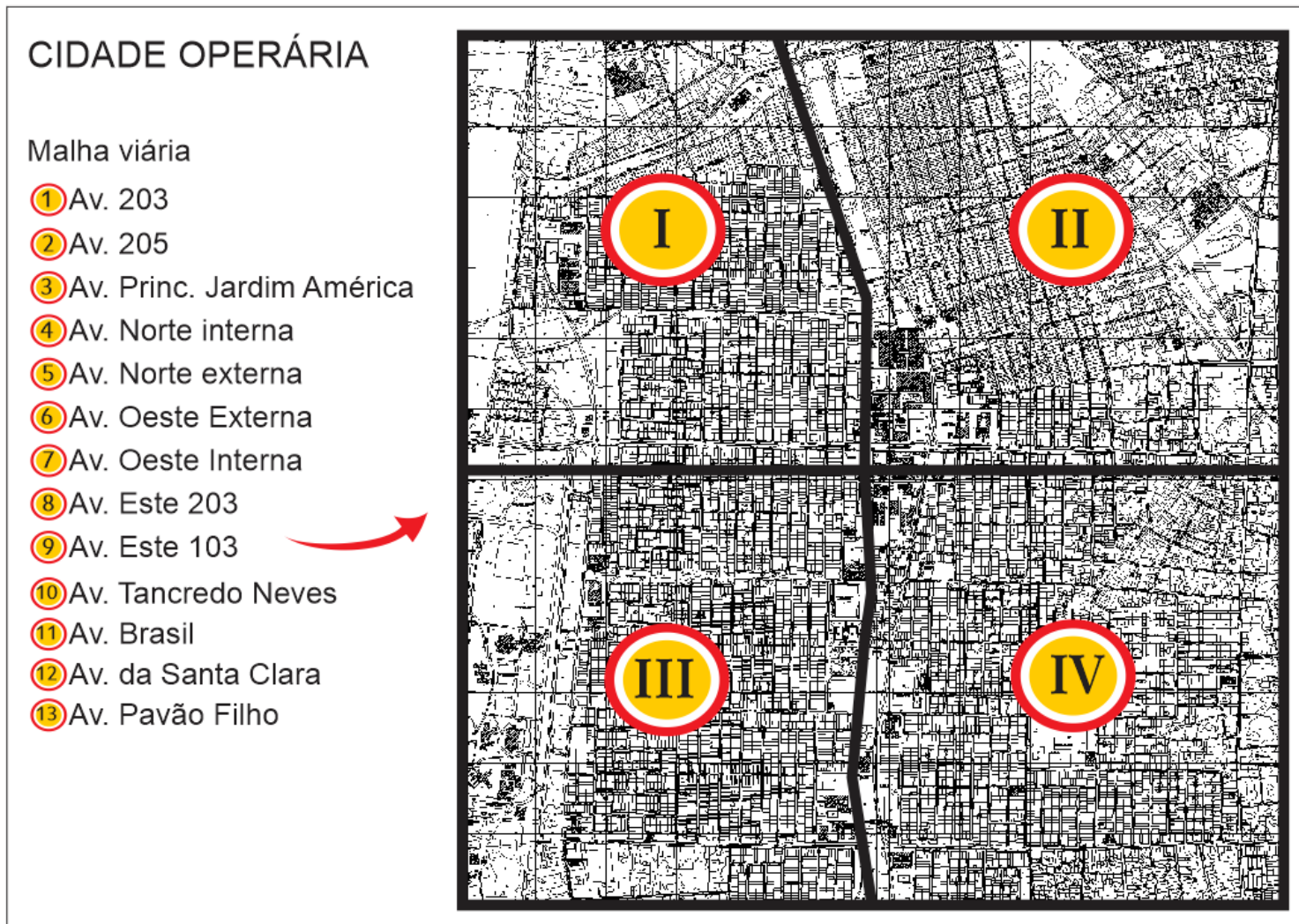
Fonte: Autora, 2016.



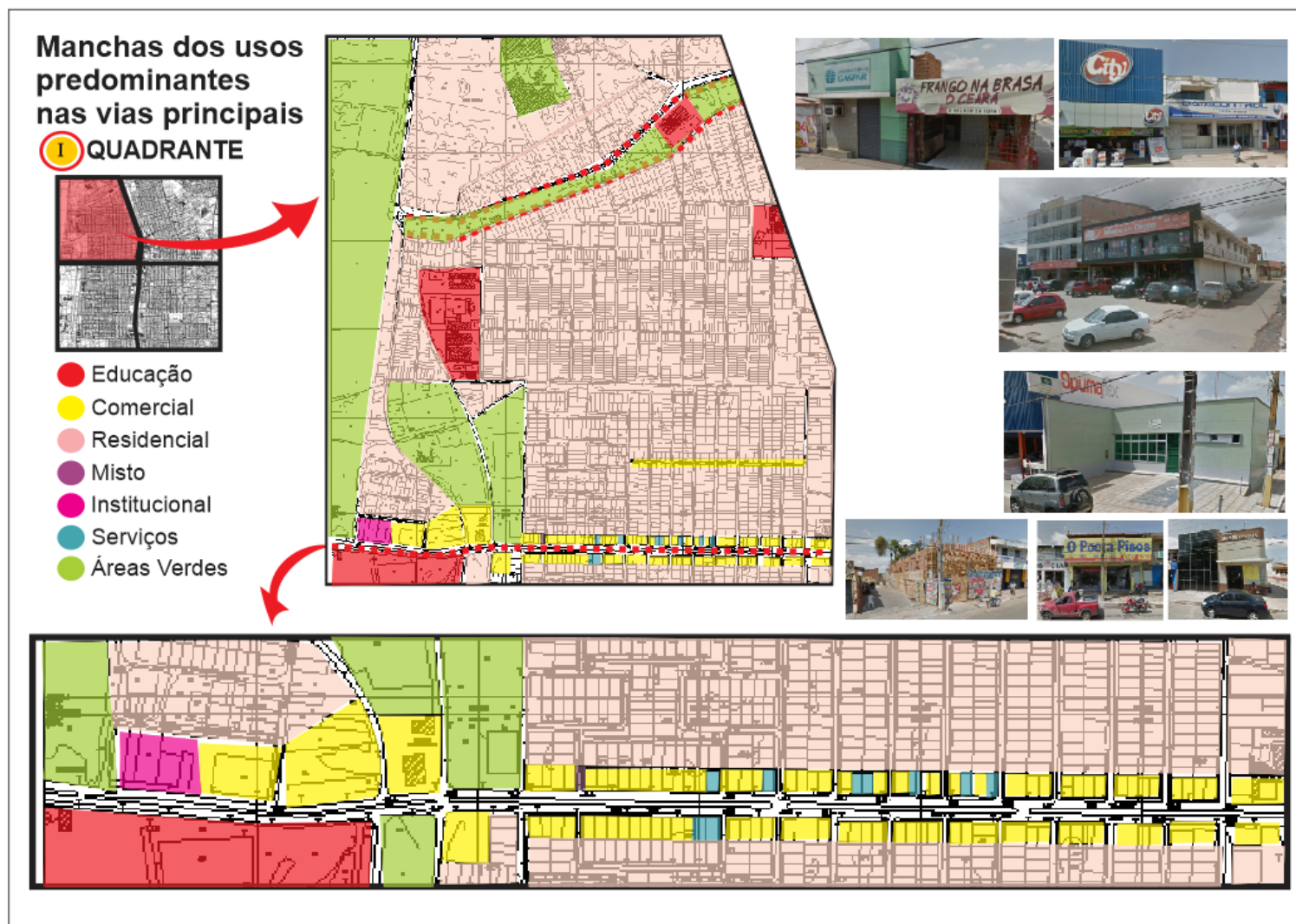
ANEXO 05 – Unidades (setores) do bairro
Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 06 – Quadro geral das manchas dos usos
Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 07 – Quadrantes : setorização para estudo
 Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 08 – 1º Quadrante
 Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 09 – 2º Quadrante
 Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 10 – 3º Quadrante
Fonte: Autora, 2016.



ANEXO 11 – 4º Quadrante
 Fonte: Autora, 2016.